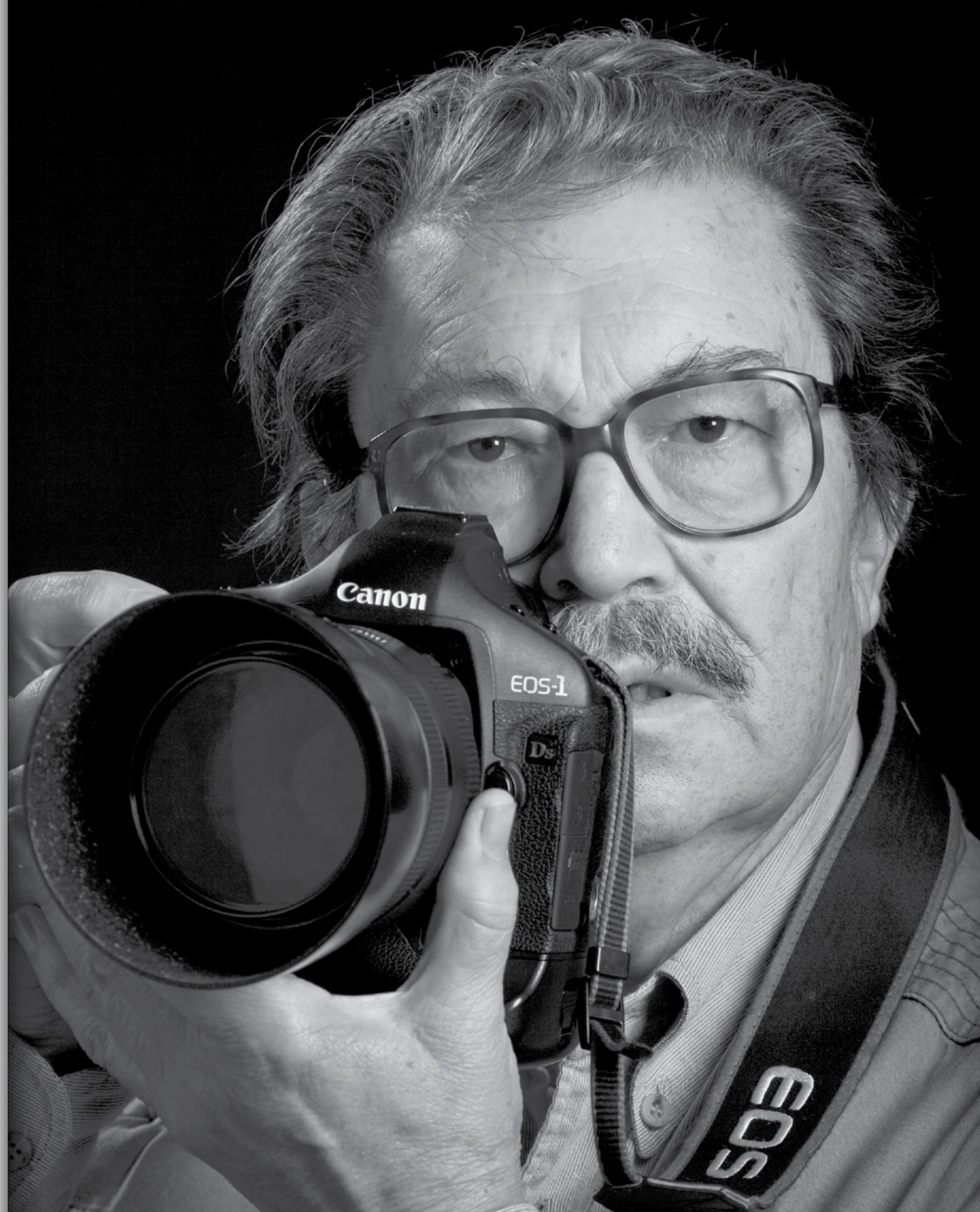
A black and white close-up photograph of a young man with dark hair, looking intently through the viewfinder of a camera. He is holding the camera with both hands. The camera has 'FT' and 'Can' visible on it. The background is dark and out of focus.

EDUARDO GAGEIRO

RAPAZ DE SACAÉM, FOTÓGRAFO DO MUNDO





EDUARDO
GAGEIRO
RAPAZ DE SCAVÉM, FOTÓGRAFO DO MUNDO

M



Museu
de Cerâmica
Sacavém



COM O ALTO PATROCÍNIO DA



APOIO INSTITUCIONAL



PATROCÍNIO





A homenagem que prestamos a Eduardo Gageiro faz a ponte entre o lugar onde começou a fotografar – a Fábrica de Louça de Sacavém – e o espaço, já agraciado com prémios internacionais – o Museu da Cerâmica – que agora, orgulhosamente, recebe a sua obra.

É fácil falar deste “rapaz de Sacavém”. Basta que usemos superlativos. A excelência do homem que “faz falar as notícias”, acorda consciências, capta a verdade para lá do real, conduziu-o ao lugar que hoje ocupa no mundo, testemunhado por um sem número de galardões que atestam a originalidade do seu trabalho único.

Mais do que um fotógrafo excepcional, Eduardo Gageiro é, ele próprio, um artesão da luz, da sombra, das formas. Um artista singular que transforma em encanto o óbvio e mostra, com o coração, muito para além do que os olhos vêem.

Orgulhoso das suas raízes, assumiu-as sempre com a simplicidade com que fotografa a grandeza e a magnitude com que regista a pequenez.

Temos perante os nossos olhos os instantâneos soberbos que só a lente de Mestre Gageiro sabe captar, na surpresa do pormenor, na originalidade do enquadramento, na eloquência que os seus olhos cativam, atrás da lente.

Carlos Teixeira

Presidente da Câmara Municipal de Loures



Quanto tempo terá um momento?

Na arte de Eduardo Gageiro é injusto dizer que a fotografia é o momento em que uma determinada circunstancia se deixa aprisionar tornando-se numa marca ou prova. Eduardo Gageiro, transporta-nos para a ação e a circunstância e convida-nos a navegar, através do seu olhar, numa espécie de dança de contrastes entre a luz e a sombra, entre o movimento e a forma, que nos confronta, estimula e seduz.

Gageiro, "rapaz de Sacavém", tem ao longo da sua carreira o atrevimento dos inconformados. Ao fotografar pessoas conta-nos histórias de vida, ao documentar acontecimentos, serve-nos o espaço para a perspetiva. Comprometido e sagaz, o "Fotografo do Mundo" observa o que o rodeia através da capacidade que tem em captar o tempo num momento e, através dele, mostrar a singularidade da ocasião.

Sacavém, tem o orgulho de ter visto nascer um narrador de imagens excepcional. Figura maior da nossa cultura, Eduardo Gageiro não se limitou a estar presente nos instantes, foi mais longe e participou, comprometeu-se e falou através da sua visão.

A Câmara Municipal de Loures, não poderia deixar de honrar um dos seus, concretizando esta publicação que traça uma retrospectiva de um talento único que a partir da cidade de Sacavém mostrou o mundo ao Mundo. É para nós uma honra estar ao lado de Eduardo Gageiro e da sua obra, feita de rostos, lugares e acontecimentos e afirmação de histórias e convicções. Loures tem em Gageiro a sua forma de entender o tempo.

Afinal um momento tem o tempo que lhe quisermos dedicar, e nas fotografias de Eduardo Gageiro, vai muito para além das palavras com que podemos descrever.

João Pedro Domingues

Vice-Presidente da Câmara Municipal de Loures

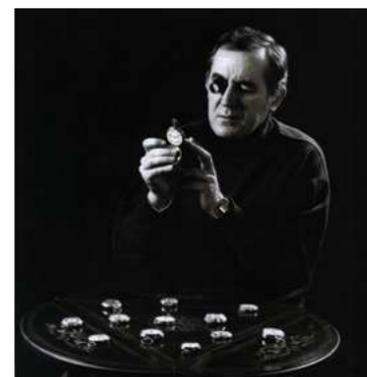


“Dirijo agora uma palavra a Eduardo Gageiro. No princípio de 1995, apareceu no meu Gabinete em São Bento, era então Primeiro Ministro, a dizer que queria tirar uma fotografia muito original. Vêm falar comigo e a ideia era tirar uma fotografia com o meu cão, que se chamava “Charlie”. Era um sharpei, que tinha vindo de Macau.

Fiquei de pé atrás: um cão, eu Primeiro Ministro... Insistiram: “Sim um cão e no seu colo...” a minha reação inicial foi negativa. Não vou tirar uma fotografia com um cão no meu colo. Ainda por cima, o cão era grande. Depois disseram-me: “Não há problema, o Senhor já anunciou que não se recandidata.” Pensei, bem visto e, então, está bem. Foi assim que me convenceram a tirar uma fotografia com um cão ao colo, que Eduardo Gageiro incluiu num livro que se chama “Revelações”. Quero felicitá-lo pelo Prémio Carreira. Tem uma carreira de fotojornalismo que faz inveja a muita gente. Parabéns.”

Aníbal Cavaco Silva

(Excerto do discurso de Sua Excelência o Presidente da República, na cerimónia de entrega dos Prémios Gazeta, em 2007)



Conheço, há muito, o Eduardo Gageiro. Tenho por ele uma grande amizade e, também, uma profunda admiração. Amizade gerada e desenvolvida na interacção que mantivemos na Presidência da República; exercia eu as funções de presidente e ele de fotógrafo oficial.

Na ocasião, oportunidade tive de constatar quão ricas eram as aptidões, as qualidades de temperamento de Eduardo Gageiro, nomeadamente, a sua argúcia, inteligência, capacidade de trabalho, honestidade e, ainda, aquela que era a sua grande paixão – a fotografia.

Na fotografia, tem sido, realmente, exemplar porque não se limita a retratar sujeitos, objectos, momentos, mas consegue aproveitar situações especiais e, sobretudo, encontrar nos temas que fotografa (sejam sujeitos, objectos, momentos) aquilo que constitui a sua essencialidade distintiva e que só um artista consegue distinguir.

Aliás, da sua qualidade, da sua excelência enquanto fotógrafo testemunho são os muitos prémios que recebeu e dos quais eu referiria, a título meramente ilustrativo, o prémio do World Press Photo em 1974; os dois prémios, incluindo uma Medalha de Ouro, em 2005, no Salão Internacional de Fotografia no Japão; e os três prémios, incluindo duas Medalhas de Ouro, no mesmo ano, na Exposição Internacional de Fotografia Artística, na China.

Muitas foram, também, as obras de grande qualidade que publicou, e recorde Olhares, em que teve a colaboração de António Lobo Antunes e Alentejo com Miguel Torga. Mas outras obras tem de igual mérito, como são Revelações e Fotografias de Abril.

É, sem dúvida, um dos nossos grandes fotógrafos. É, também, um democrata exemplar. Qualidades, estas, que foram reconhecidas pelo Presidente da República, em 2004, quando lhe atribuiu a Ordem do Infante D. Henrique. Eduardo Gageiro é, no essencial, um homem bom, um homem humilde, um homem de carácter, um homem leal às amizades e um fotógrafo apaixonado, um fotógrafo de eleição que nos tem dado fotografias que são verdadeiras obras de arte.

Tenho o prazer de usufruir, quase em permanência, de alguns dos seus trabalhos, nomeadamente, fotografias feitas ao grupo de ballet da Gulbenkian e que são de qualidade tal que nunca cansam nem o olhar nem a mente.

Ao amigo, ao homem de carácter, ao fotógrafo-artista, ao pintor que não pinta com pincel e tintas mas pinta com a máquina, saúdo com um abraço de admiração, de amizade obviamente, expresso no desejo de um futuro produtivo, em linha com o seu passado, e votos de muitas felicidades.

António Ramalho Eanes

Lisboa, 27 de Fevereiro de 2012



Conheço o Eduardo Gageiro desde o 25 de Abril quando se consagrou um dos melhores fotógrafos portugueses. Antes disso já se tinha evidenciado quando fotografou os Jogos Olímpicos de 1972, de trágicas consequências, em Munique.

É um fotógrafo, considerado sem favor como um dos melhores em Portugal, senão mesmo o melhor, como alguns dos seus próprios colegas o consideram.

No post-25 de Abril singularizou-se pelas inúmeras fotografias que fez sobre os acontecimentos, incluindo a foto célebre que fez quando entrou na PIDE e viu um soldado a retirar do caixilho um retrato de Salazar.

Tive a honra de ser escolhido para figurar num dos seus livros em que me fotografou. Não esqueço essa fotografia que tão bem me retrata.

Nos últimos anos tornámo-nos amigos, por minha parte admirando muito a sua brilhante carreira. É com muito gosto que o digo, associando-me com muito prazer à homenagem que lhe é justamente feita.

Mário Soares

Lisboa, 18 de Julho de 2012



“Eduardo Gageiro é um grande fotógrafo, com uma imensa obra feita de autenticidade e de intensidade. Algumas das suas fotografias tornaram-se verdadeiros rostos de um tempo e de um lugar.

Da reportagem ao retrato, ao longo de muitas décadas, Gageiro foi construindo um arquivo visual de rara beleza e força evocativa única. O seu olhar perspicaz e solidário, sabe captar, em cada momento, as imagens que nos interpelam e emocionam, constituindo-se como documento, memória, testemunho e revelação.

Ao convidá-lo para ser o autor do meu retrato oficial de Presidente da República quis homenagear a sua carreira e o seu talento. É essa homenagem que agora renovo, reafirmando-lhe a minha admiração e amizade”.

Jorge Sampaio

Muscat, Omã, 3 de Fevereiro de 2013

Ficha Técnica

Catálogo

Edição

Câmara Municipal de Loures
Departamento de Cultura,
Desporto e Juventude

Coordenação Geral

Divisão de Cultura/Área de Museus
e Galerias

Textos

Elsa Arruda
Jorge Aniceto

Design

Luís Silva

Fotografias

Eduardo Gageiro
Rui Gageiro

Revisão de Textos

Jorge Amado

Gestão Documental

Maria João Diogo

Digitalização de Imagem

Carlos Luís

Impressão

???

Depósito Legal

???

ISBN:

Tiragem

000000

Com o alto patrocínio da

Assembleia da República

Apoio Institucional

RTP – Rádio Televisão Portuguesa

Patrocínio

Albutintas – Comércio de Tintas, Lda.

Agradecimentos

Presidência da República

A Sua Excelência o Presidente da República,
Prof. Doutor Aníbal Cavaco Silva

Assembleia da República

A Sua Excelência a Presidente da Assembleia
da República, Dra. Assunção Esteves

Antigos Chefes de Estado da República

Portuguesa

General António Ramalho Eanes (1976-1986)

Dr. Mário Soares (1986-1996)

Dr. Jorge Sampaio (1996-2006)

Afonso Gageiro

Ana Gageiro

António Costa

António Luís dos Santos da Costa

António Pedro Vicente

António Xavier

Carlos Alberto Maia Teixeira

Carlos Moreira

Catarina Gageiro de Oliveira

Eunice Munõz

Florinda Rodrigues

Jorge de Jesus Henriques (a título póstumo)

José Albuquerque

José Araújo

José Manuel dos Santos Fernandes

José Teixeira

Maria Antónia Palla

Maria Genoveva Rivera Garzon

Maria Manuela Eanes

Maria Teresa Correia Loia

Natércia Gouveia Antunes Gageiro

Rui Gageiro

Ruy de Carvalho

Sinde Filipe

Entidades

Albutintas

Casa do Alentejo

RealCor

RTP - Rádio e Televisão de Portugal

Índice

21

Rapaz de Sacavém, fotógrafo do mundo

108

Notas

109

Bibliografia

EDUARDO
GAGEIRO
RAPAZ DE SACAÉM, FOTÓGRAFO DO MUNDO



O nosso cérebro não passa de um computador. Quando o Nachtwey dispara, quando o Sebastião Salgado dispara, ou qualquer outro fotógrafo dispara, eu acho que todos estes dados que nós temos no cérebro refletem-se nesse disparo.

Eduardo Gageiro, 2011

Rapaz de Sacavém, fotógrafo do mundo

Se fosse uma autobiografia escrita pelo próprio poderia começar mais ou menos assim: «Nasci em Sacavém a 16 de fevereiro de 1935.».

Ouvir Eduardo Gageiro é fácil, é como se estivéssemos sentados numa poltrona de cinema deleitando-nos com uma película cujas cenas são descritas pelo timbre carismático de um narrador.

Falar com Eduardo Gageiro é como ir desfiando, pacientemente, um novelo de lã mas onde o fio nem sempre corre livremente pelos dedos. Assemelha-se mais a um emaranhado de linhas entrecruzadas, um disco rígido que constantemente processa informação, *inputs-outputs*, como se falássemos com uma pessoa que viveu várias vidas ao mesmo tempo. Talvez fosse mais fácil fotografá-lo, não fora o receio de ter de mostrar as provas.

De facto, de Gageiro se pode dizer que nasceu nem uma nem duas, mas várias vezes. Nasceu gente, menino, rapaz de Sacavém. Nasceu fotógrafo, fotojornalista, conheceu e deu-nos a conhecer o mundo, o fotógrafo do mundo. De permeio, nasceu o fotógrafo institucional, o *freelance*, o fotógrafo artista, embora não se reveja neste último. Resistiu à mais traiçoeira das doenças. Só ainda não nasceu a força anímica capaz de refrear a sua vontade quase obsessiva de fotografar.

Podíamos falar sobre Eduardo Gageiro sem dizer coisa nenhuma. Se uma imagem vale por mil palavras, algumas fotos de Gageiro valem por mil imagens. Fotos emblemáticas como o *Calvário*, a *Amargura*, a *Pureza*, o *Salgueiro Maia a morder o lábio*, o *Soares triunfante da varanda de Santa Apolónia*, bastavam para revelar um homem perseverante, astuto, atento, consciente, um homem-máquina, com grande-angular e fotómetros nos olhos e um radar incorporado que lhe lê a realidade antes mesmo de a ver. Ou, como já alguém escreveu:

Dizem que os fotógrafos não são pessoas como as outras. Consta que caminham com metade dos olhos entre as mãos e não fazem separação entre o seu corpo e o Mundo, como as crianças e os animais.

Lídia Jorge, 2008



01



02



03

A Fábrica de Loiça de Sacavém produziu o pior empregado de escritório de todos os tempos e um dos maiores fotojornalistas portugueses.

Isabel Marques da Silva

Eduardo Antunes Gageiro nasceu a 16 de Fevereiro de 1935, em Sacavém. Filho de Eduardo de Jesus Gageiro e de Adelaide Afonso Antunes Gageiro, é o terceiro filho do casal, entre os seus irmãos José e Armando e a irmã mais nova, Maria Irene. Eduardo teve uma infância algo idêntica à da maioria das crianças da sua época, talvez mais resguardada porque os seus pais eram comerciantes. No local do prédio onde ainda hoje vive, na Avenida Estado da Índia, em Sacavém, situava-se a antiga casa de pasto de que o seu pai era proprietário, bastante conhecida na região, a que as gentes de Sacavém se referiam como a taberna do Gageiro. Eduardo guardou nas memórias da sua infância a velha escola do largo do Terreirinho, as brincadeiras com a rapaziada, a disciplina imposta pelo professor Morais, o exame da quarta classe em Loures, as férias em Arruda dos Vinhos, com a tia Florinda, que ajudou à sua criação, o contacto com as gentes de Sacavém, sobretudo com os operários fabris e não só, porque pela taberna do Gageiro passavam muitos motoristas de longo curso e comerciantes oriundos de outras paragens de e a caminho da capital.

◀ 01. À esquerda, com um canudinho na cabeça, seguido dos irmãos Armando e José

02. Com a tia Florinda, irmã de seu pai, que o ajudou a criar

03 Eduardo ladeado pelos irmãos José e Armando, acompanhados pelo avô

Nos anos 40 do século passado, a beira-rio fervilhava de actividade. Por essa altura, o Trancão era um rio que dava de comer e divertimento a muita gente. As fragatas, as faluas e outras embarcações constituíam um cenário comum num rio onde não ainda havia poluição e onde muitos pescadores viviam do que ele dava. Com outros rapazes da sua idade, Eduardo entregava-se à faina da pesca com rabos de bacalhau, a apanhar caranguejos e depois iam para a foz do Trancão à lambujinha. Tomava-se banho, pescava-se, convivia-se, faziam-se patuscadas aos fins de semana.



01



02



A entrada na Fábrica de Loiça de Sacavém pressupunha ser membro do Grupo Desportivo (Centro para a Alegria no Trabalho - C.A.T. n.º 15), filiado na F.N.A.T. - Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho

Eduardo morava quase em frente ao velho portão da fábrica por onde haveria de entrar. O pai almejava uma vida digna e sem percalços para o seu filho. A sua promoção social poderia passar por um emprego estável nos escritórios da fábrica. A Fábrica de Loiça de Sacavém era a grande empregadora.

Em 1948, o jovem Eduardo Antunes Gageiro, com apenas 12 anos, atravessou a estrada e seguiu o caminho de muitos jovens da sua idade. Começou por baixo, como gosta de dizer, de secção em secção, como pacote, a distribuir papéis, a pé, a trazer e a levar recados. Gostava de ser moço de recados porque corria a fábrica de uma ponta à outra, ia a todas as secções, convivia com os operários que admirava e com os artistas, o que foi alimentando o seu grande entusiasmo em fotografar. As primeiras fotografias foram tiradas com uma Kodak Baby emprestada pelo irmão Armando. Uma oferta dos tios regressados de Angola. Insatisfeito com a falta de qualidade dessa máquina, Eduardo começou a pedir máquinas emprestadas em Sacavém. Dessas, a melhor, uma Super Ikonta, foi-lhe facultada pelo seu amigo José Carvalho, e começou a fazer fotografias com mais qualidade técnica. Deixava-se sensibilizar pelas coisas e fotografava. Mas, na verdade, faltava-lhe a noção estética. Com um desejo ávido de aprender, Eduardo procurava opiniões avalizadas sobre os seus primeiros ensaios e mostrava as fotos aos artistas da fábrica: ao escultor Armando Mesquita, ao pintor de azulejaria José Ribeiro, ao Alvarito - Álvaro Mendes Alves - e a outros, que começaram a ensinar-lhe a parte estética. A Fábrica de Loiça forneceu-lhe assim o objeto e o método que lhe permitiram ir aperfeiçoando o seu talento.

01. Eduardo Gageiro aos 12 anos

02. Eduardo com o pai, a mãe e a irmã, à porta de casa, no dia do casamento da tia Florinda



01



02



03

A Rolleiflex revolucionou a fotografia, como agora as máquinas digitais. Bastava carregar no botão e saía sempre uma boa imagem.

Eduardo Gageiro

Foi aqui na Fábrica da Loiça, afinal, onde eu nasci fotograficamente e enquanto pessoa. A fábrica formou-me muito para eu saber apreciar as dificuldades e a luta pela vida destas pessoas que trabalhavam aqui. Portanto, a fábrica foi tudo para mim e acho que contribuiu para eu ver o mundo de uma forma mais humana e mais objectiva. Portanto, sem a fábrica eu era outro fotógrafo e outra pessoa.

Eduardo Gageiro, 2011

Ao fim da tarde, ia para o ateliê do Mesquita, em Sacavém de Baixo. Certo dia, este desenhou-lhe uma quadrícula numa folha e disse-lhe mais ou menos isto:

– Olha lá, tens olho mas não percebes nada disto! Esteticamente, isto é uma amálgama de assuntos! Tu tens de ser mais rigoroso! Isto é regra de ouro: tens de pôr aqui o motivo principal e depois os outros são elementos secundários que podem servir o motivo principal! Nunca ponhas a imagem principal ao centro!

Eduardo soube aproveitar os ensinamentos e começou a fotografar de acordo com as indicações dos mestres. Foi melhorando, sempre com a supervisão e o assentimento, especialmente, do Mesquita. Armando Mesquita, o mais conceituado escultor da fábrica, formado nas Belas-Artes, era uma pessoa muito considerada em Sacavém, e não gostava que o rapaz andasse com máquinas emprestadas. Um dia, à hora de almoço, foi ter com o pai de Eduardo à taberna e disse-lhe:

– Senhor Gageiro, quando é que compra uma máquina para o rapaz? Então ele anda aí com máquinas emprestadas?!

A casa estava cheia de operários da fábrica a quem a mãe de Eduardo aquecia a marmita e, em troca, vendia uma garrafa de vinho. Eram tempos difíceis e nem todos podiam comer no refeitório da fábrica. O pai, que não via com bons olhos a vocação do filho, ficou muito envergonhado mas deu-lhe autorização para comprar uma máquina. Eduardo teria entre 15 e 17 anos.

Não deixou escapar a oportunidade e deslocou-se à casa J.C. Alvarez, na Rua Augusta, em Lisboa, onde costumava comprar os rolos para a máquina do Zé Carvalho. Um dos sócios da casa, o senhor José Rego, deu-lhe a escolher entre duas máquinas: a Rolleiflex e a Rolleicord. A primeira, equipada com célula fotoelétrica, era mais fácil de manusear mas mais cara. A segunda, embora sem aquele apetrecho, mantinha as mesmas características e era substancialmente mais barata, pelo que a escolha não foi difícil e optou por ela. O senhor Rego ofereceu-se para lhe desenhar uma escala para

01. Máquina fotográfica Baby Brownie

Special (E.U.A. – Rochester N.Y.).

Fabricante: Eastman Kodak Co. Fabricada em baquelite, entre 1934 e 1952

Máquina emprestada pelo irmão Armando, ofertada pelos tios

02. Máquina fotográfica SUPER IKONTA (Alemanha).

Fabricante: ZEISS IKON. 1936

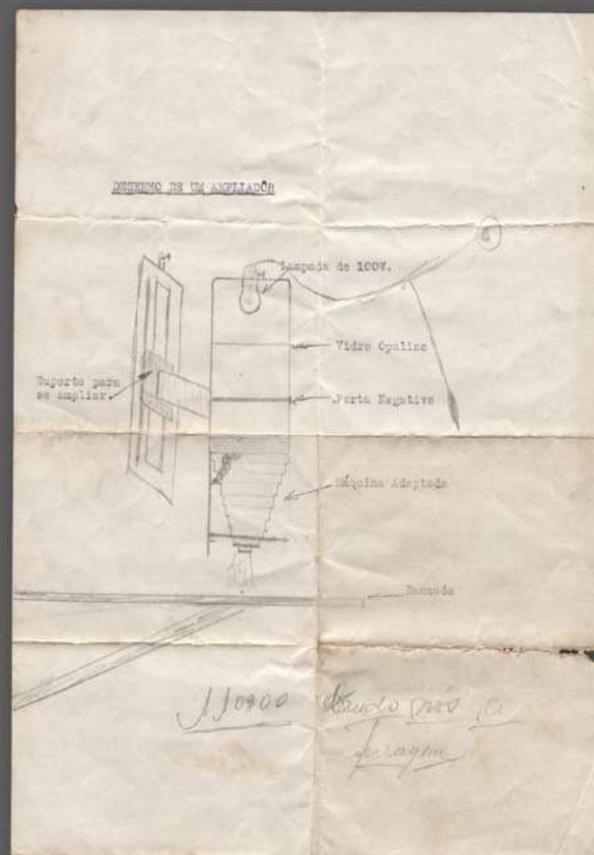
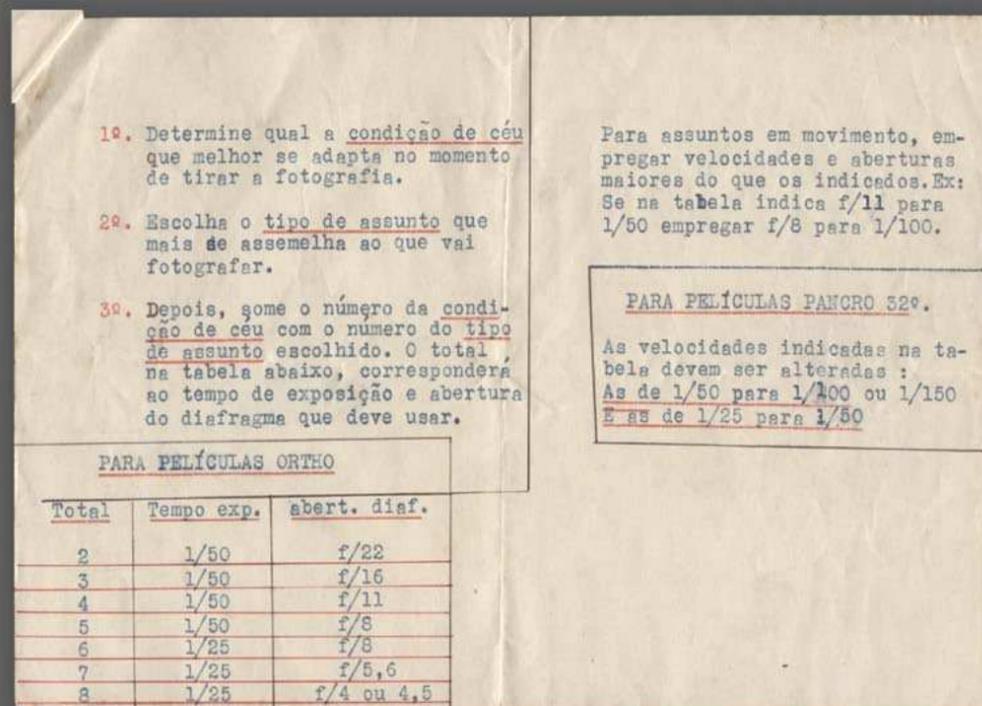
Máquina emprestada pelo amigo

José Carvalho, de Sacavém

03. Máquina fotográfica ROLLEICORD (Alemanha).

Fabricante: Rollei-Werke Frank & Heidcke. 1933-1976

Comprada na casa J.C. Alvarez, em Lisboa



▲ Escala de exposição para películas
(fornecida pelo senhor José Rego da casa
J.C. Alvarez).

◀ Desenho de um ampliador construído
por Eduardo Gageiro.
Década de 50. Século XX

que Eduardo melhor ajustasse a máquina às condições de luz. Chegada a hora de pagar:

- Ó senhor. José Rego, como é que eu vou pagar isto?
- Leva lá a máquina e diz ao teu pai como é que a quer pagar!

Ainda se emociona com a confiança depositada pelo comerciante e recorda, como se fosse ontem, a viagem na carreira de regresso a Sacavém, todo contente, com a sua Rolleicord na mão. Já passaram 60 anos, mas ainda sente no nariz o cheirinho a pele do estojo.

Experimentou a nova máquina com o seu mestre e amigo Mesquita, a quem gostava muito de fotografar. O pitoresco Trancão, que antes lhe deu as brincadeiras, oferecia-se-lhe agora como pano de fundo para algumas das mais belas fotografias que tirou. A fábrica, a convivência com os operários, a intimidade com os artistas, a taberna do seu pai, ofereciam-lhe cenas do quotidiano que Eduardo soube retratar, ora com espontaneidade, ora de forma mais ou menos encenada.

De início, as revelações eram feitas na J. C. Alvarez. Depois, tentou revelar por conta própria, usando técnicas rudimentares que passavam por usar pequenas prensas, pondo o negativo e o papel ao sol, mas a imagem fixada não durava muito tempo. Entretanto, começou a ajudar um fotógrafo de Sacavém a revelar fotografias e essa experiência facultou-lhe os conhecimentos de que necessitava. Na casa de seus pais, ao fundo do quintal, havia um local que servia de armazém de chouriços, presuntos, batatas, entre outras coisas. Aí, instalou a sua câmara escura e era nesse local improvisado que, à noite, revelava as suas fotografias já com papel fotográfico. Só fazia cópias de contacto porque não tinha ampliador. Mas, mais tarde, Eduardo haveria de resolver o problema. Viu o desenho de um ampliador numa revista, mandou fazer a caixa num carpinteiro e adaptou uma máquina em segunda mão para projetar as imagens. Só mais tarde haveria de comprar um ampliador melhor, de marca checa, o Magnifax. Por vezes, revelava também as fotografias que os seus colegas tiravam nos passeios de fim de semana.

Como o processo era todo artesanal, Eduardo recorria amiúde aos préstimos de um colaborador, o seu colega de trabalho Jorge Henriques, que havia entrado na fábrica cerca de um ano antes, em 1947⁽¹⁾. Conheceram-se lá dentro, fizeram amizade e era o Jorge que esmaltava as fotografias no laboratório improvisado na loja do pai, com um fogão a petróleo, após a revelação.

Mas Eduardo e Jorge partilhavam outros interesses, junto com outros rapazes como o Paulino, o António Rato, o Zé Teixeira. Eram os janotas de Sa-



▲
Largo da Feira, em Sacavém de Baixo.
1950
(Foto: Eduardo Gageiro)

◀
Escultor Armando Mesquita no seu ateliê,
em Sacavém de Baixo.
(Foto: Eduardo Gageiro)



Não é surpreendente conseguir determinadas fotografias porque ele vem de um sentimento de vila. Ele conviveu muito com as pessoas de Sacavém, com os trabalhadores da Fábrica da Loiça e ele é um homem sensível e consegue obter fotografias absolutamente extraordinárias.

José Albuquerque, 2011

cavém. Como tinha mais possibilidades, Eduardo ia a Lisboa, ao Casanova, comprar camisas ou calças e esmerava-se para os bailaricos. Consta que não eram muito apreciados nos arredores porque conseguiam dançar com as raparigas mais giras. Diziam ainda que, particularmente versado na arte do galanteio, Eduardo abria muitas vezes as "hostilidades". Naquela altura, tinham entre os 18 e os 20 anos, era complicado: raparigas de um lado rapazes de outro. Um a um, iam buscá-las para dançar. Pelo meio, havia que contornar a barreira das mães. A técnica passava por atravessar a sala e sentarem-se ao pé da mãe. Entabulava-se conversa com a progenitora enquanto, sub-repticiamente, se ia controlando a situação. Conquistar a mãe era meio caminho andado. Iam aos bailes a Camarate, Bobadela, Moscavide, etc., ao baile da primavera e aos do Clube Recreativo de Sacavém. À época, depois da meia-noite já era muito tarde. Quando os bailaricos duravam até às quatro ou cinco da manhã, para o pai não ouvir os seus passos a subir as escadas Eduardo descalçava-se à entrada. Por vezes, na paródia, os amigos atiravam-lhe os sapatos pela janela.^[2]

Habitado a ter de se desenrascar, já dominava a técnica da revelação, já sabia ampliar e a nova máquina abriu-lhe os horizontes. De experiência em experiência, Eduardo foi aprendendo a dominar a luz, condição elementar para se fazerem boas fotografias. Era um autodidata mas não por opção. Naquela altura, início dos anos 50 do século xx, as publicações sobre técnica fotográfica não abundavam em Portugal e as que chegavam não eram de fácil acesso, pelo menos para ele que raramente ia a Lisboa. Foi com agrado que descobriu uma revista argentina, chamada *Arte Fotografico*, que depois assinou. Naturalmente, a fotografia foi evoluindo.

Pela curiosidade inata, Eduardo gostava de tirar partido do contacto com as pessoas que, à época, representavam a franja mais esclarecida da população de Sacavém. E era às coletividades que ia buscar muito do seu conhecimento, nomeadamente a nomes ligados à Secção de Cultura do Sacavenense. Ao já referido Zé Carvalho, mas também a Herbert Goulart, Mário Ventura, Orlando e Gilberto Lindim Ramos, António Sérgio Ribeiro, entre outros.

O ano de 1955 foi crucial na vida de Eduardo Gageiro, empregado de escritório, candidato a fotógrafo. A propósito da comemoração do seu vigésimo aniversário, o Sindicato Nacional dos Empregados de Escritório do Distrito de Lisboa lançou um certame literário, os Jogos Florais, e um fotográfico. Chegava a hora de colocar à prova o seu talento, submetendo-se ao escrutínio de um júri oficial. As coisas correram bem. De uma assentada, conseguiu dois primeiros prémios, nas categorias «Retratos» e «Diversos». Na primeira, com uma foto do seu principal mentor, o escultor Armando Mesquita. Na segunda, ironia do destino ou não, a foto premiada na categoria «Diversos»,



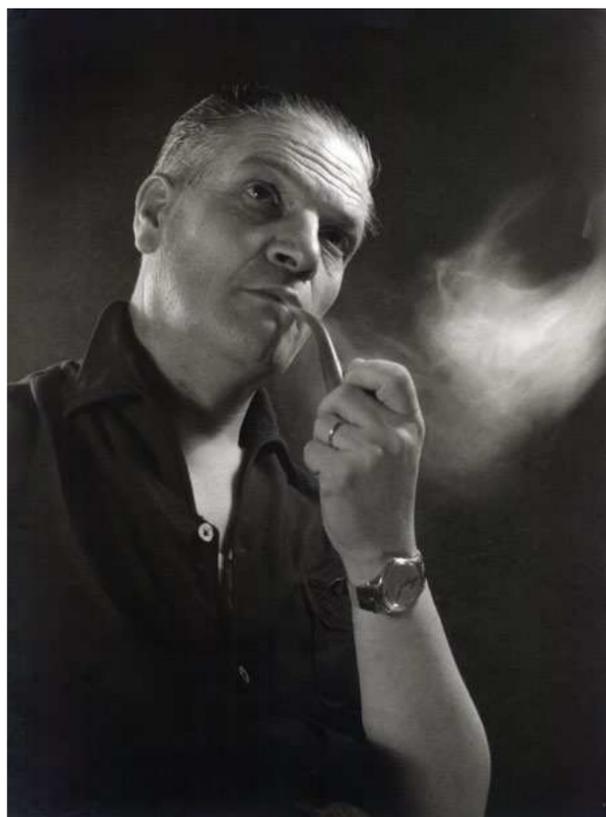
João Pinheiro, forneiro
na Fábrica de Loiça de Sacavém.
Década de 50, século xx
(Foto: Eduardo Gageiro)



▲
Pescador no Trancão.
Década de 50, século xx
(Foto: Eduardo Gageiro)



►
Joaquim Lopes, operário da Fábrica
da Loiça de Sacavém, na taberna
do pai de Eduardo Gageiro.
Década de 5, século xx
(Foto: Eduardo Gageiro)



Armando Mesquita, escultor da Fábrica da Loíça de Sacavém.
1.º Prémio na categoria Retrato do Concurso Fotográfico do Sindicato Nacional dos Empregados de Escritório do Distrito de Lisboa.
1955
(Foto: Eduardo Gageiro)



Fervor Iluminado
1.º Prémio na categoria Diversos do Concurso Fotográfico do Sindicato Nacional dos Empregados de Escritório do Distrito de Lisboa.
1955
(Foto: Eduardo Gageiro)

intitulada *Fervor Iluminado*⁽³⁾, foi tirada à prima Aurora, cujos pais, anos antes, haviam oferecido a Kodak Baby ao irmão mais velho de Eduardo. A prima Aurorinha vivia em Luanda mas todos os anos vinha à metrópole. Numa dessas visitas, foram passear ao Convento de Cristo em Tomar. No mesmo concurso, recebeu ainda um segundo prémio e uma menção com distinção.

Eduardo tinha 20 anos, era pouco mais que um miúdo no meio de vários concorrentes, todos eles mais velhos. Ficou deslumbrado, nem queria acreditar no que lhe estava a acontecer. Começava aqui a grande bola de neve dos concursos, dos prémios, das exposições, do reconhecimento público. Inevitavelmente, o empregado de escritório ia cedendo lugar ao fotógrafo.

Entretanto, entrei para os jornais e acabaram-se os bailaricos. Passava muito tempo fora de Sacavém, andei por Portugal e por esse mundo fora, passei a ter uma vida diferente, mas essas amizades continuavam. Muitos já morreram. Dá-me uma grande alegria quando eu vejo esses amigos e recebo provas de grande amizade.

Eduardo Gageiro, 2011



Entrega dos prémios dos Jogos Florais, organizado pelo Sindicato Nacional dos Empregados de Escritório do distrito de Lisboa.
1955

Ser empregado de escritório não fazia parte dos seus desígnios mas dos de seus pais. A mãe chegou a dizer-lhe que não tinha necessidade de ser fotógrafo. Para ela, um fotógrafo era alguém que fotografava casamentos e batizados. No fundo, o chamado bate-chapas. O escritório da fábrica, ali tão perto, um trabalho certo, limpo, que mais se poderia desejar para um filho? Os primeiros tempos como pacote davam-lhe a liberdade desejada mas, progressivamente, Eduardo ficava confinado à monotonia das tarefas, entre quatro paredes, a passar faturas e a bater à máquina. Muitas vezes era chamado à atenção pelo chefe de escritório: em vez de fazer facturas, coloria fotografias à mão porque não havia fotografias a cores na altura. O chefe, o senhor Marques, era boa pessoa mas estava sempre a dizer-lhe que não tinha nascido para aquilo. Eduardo odiava os números, sentimento que o acompanhou até aos dias de hoje.

Na antítese desse sentimento crescia um outro que o movia na direção do que haveria de ser o seu futuro. De dia, ainda miúdo, ficava impressionado com as gentes de Sacavém, muitos deles operários cerâmicos, trajados com fatos humildes de ganga ou sarja, calçados com alpercatas, borracha por baixo e pano por cima. Outros, nem isso. À noite, artistas, boémios, mulheres lindíssimas, toureiros, vinham do Casino do Estoril e dos teatros de Lisboa, ceiar à casa do seu pai. Naquela altura, não havia revistas e Eduardo ficava deslumbrado com aquelas mulheres.

Viviam-se os tempos da II Grande Guerra, os racionamentos, mas o pai conseguia arranjar bacalhau na Intendência Geral dos Abastecimentos.



Recorte do *Diário de Notícias* de 11 de maio de 1954.

Primeira fotografia de Eduardo Gageiro a ser publicada (Arruda dos Vinhos – Moinho do Céu)

A carne, que também não era muita, vinha do quartel de Sacavém. Com 12 ou 13 anos, era o Eduardo quem ia levantar a carne, com uma alcofa, às escondidas. Por vezes, eram quatro ou cinco da manhã e o pai mandava-o deitar. Eduardo gostava de ver o ambiente. Ao mesmo tempo, foi-se apercebendo das assimetrias sociais que a convivência na Fábrica de Loiça veio avivar.

As pessoas viviam miseravelmente, mas havia outro mundo tão diferente. Essa diferença chocou-me tanto que eu pensei, “mas como é que eu vou resolver isto? O que é que eu posso fazer?” Então, lembro-me que quando tive uma máquina a sério pensei em ser fotojornalista. Pensei que ia mudar o mundo. Pensei que ia denunciar estas desigualdades sociais.

Eduardo Gageiro, 2011

Quando aos 20 anos triunfou no concurso do Sindicato dos Empregados de Escritório, já Eduardo colaborava com o jornal *Vida Ribatejana*, e numa revis-



E ele ganhou muito com esse contacto, com essa aprendizagem porque ele, na altura, não tinha formação técnica e foi ganhando aos poucos. E esta gente toda que contactava muito com ele, dos jornais e publicações, ajudaram-no muito. Uma das características dele é que sabe ouvir.

José Araújo, 2012



À porta da Fábrica de Loiça de Sacavém. Passagem do Cardeal Patriarca Manuel Cerejeira, 1951 (Foto: Eduardo Gageiro)



Recorte de jornal (origem desconhecida). Operários descalços à porta da Fábrica de Loiça. O lado social negativo que sensibilizava o fotógrafo. Década de 50, século xx. (Foto: Eduardo Gageiro)

ta chamada “Cartaz”, conjuntamente com Mário Ventura Henriques, escritor e jornalista. Uma fotografia sua havia já tido honras de primeira página no *Diário de Notícias*. Tinha 19 anos quando começou a dar os desejados primeiros passos no mundo dos jornais. Mas o *Vida Ribatejana* não passava de um jornal regional. Tentou arranjar emprego no *Diário Popular* onde já estava o seu amigo Mário Ventura. Certo dia, este convidou-o para uma jantarada com jornalistas que Eduardo conhecia apenas pelo nome. Pediu a um deles, Jorge Rodrigues, diretor do *Diário Ilustrado*, para o receber e este mandou-o aparecer por lá. Dois dias depois, apresentou-se com a sua Rolleicord. Foi bem recebido pelo chefe de redação e convidado para estagiar. Enquanto aguardava sentado passou um dos fotógrafos da casa que lhe perguntou:

- Ouve lá, quem és tu?
- Sou fotógrafo! – respondeu.
- E o que é que vens cá fazer?
- Venho ser fotógrafo! – retorquiu.
- Tu vens ser fotógrafo? Tu vais mas é para o laboratório!

Contrariado, foi para o laboratório revelar os rolos dos outros fotógrafos. Sentiu uma enorme frustração. Chegou a considerar voltar para a Fábrica de Loiça de Sacavém. Aquilo não era vida.

Assim passou um ano ou mais mas Eduardo não deu o tempo por perdido, porque conviveu com outros profissionais do jornal, nomeadamente os tipógrafos e os gráficos, com os quais aprendeu muito. Eduardo sempre soube retirar ensinamentos de quem lhos podia dar. Talvez por isso continue ainda hoje a trabalhar muito no laboratório. É ele quem trabalha os negativos, revela, faz as provas, reproduz e amplia.

Certo dia, recebeu um telefonema no laboratório para comparecer na redação com a máquina fotográfica. Lá foi, meio tímido, a pensar no que lhe iria acontecer. Um dos colaboradores do suplemento literário ia entrevistar alguém e Eduardo foi escolhido para fotógrafo de serviço. Tratava-se do escritor Mário Dionísio. Foi ouvindo a entrevista, foi fotografando e foi tomando notas. Depois de terminar, sugeriu uma série de fotografias nos ambientes em que o escritor habitualmente trabalhava, ao invés da fotografia banal. No fundo, quis mostrar serviço e fugir da chamada chapa quatro. Foram mostrar ao chefe de redação e foi um êxito. A reação não podia ser melhor:

- O puto do laboratório agora passa a fazer fotografias para o suplemento literário que ele gosta disto que eu já percebi!

A partir daí, foram dois anos de convívio com os intelectuais que faziam o

suplemento e com as pessoas que entrevistavam e que Eduardo fotografava, afirmando o seu estilo. Passava a vida a fazer-lhes perguntas, oferecia fotografias e, em troca, recebia livros. Tinha um ambiente magnífico e andava encantado com o que fazia. Ao fim desse tempo, decidiram que ia também para a redação. Era inegável o valor de Eduardo Gageiro.

Por essa altura, o seu nome ia aparecendo aqui ou ali, na imprensa local e nacional, associado a salões e concursos de fotografia. Começava a colecionar prémios. Fotografias suas já haviam sido admitidas em Viena de Áustria, Luxemburgo, Espanha, França, África do Sul, Alemanha, etc. Em abril de 1957, Eduardo via a sua fotografia *Encontro* ser também admitida ao disputado Salão Fotográfico de Liubliana, na Jugoslávia. Uma foto que captava, de forma singela, a inocência de um encontro entre três crianças num bairro humilde de Samora Correia e que já fora publicada no *Vida Ribatejana*. Das 1900 provas apresentadas a concurso, provenientes de todo o mundo, apenas 200 foram selecionadas, e esta conseguiu 12,5 dos 15 pontos em disputa. Em junho, conquistou um quinto lugar no II Salão de Fotografia de Salamanca, Espanha, com a fotografia intitulada *Labuta*⁽⁴⁾. Era o primeiro prémio internacional, de uma carreira de muitos, deste jovem português, sacavense. Logo a seguir, em setembro, medalhas de prata e cobre no IV Salão Nacional e Internacional de Arte Fotográfica em Setúbal. Eduardo Gageiro ainda disputou a medalha de ouro com Francisco Aszmann, um dos melhores fotógrafos brasileiros. Foi o único classificado a arrebatar duas medalhas⁽⁵⁾.

Entretanto, o *Vida Ribatejana* foi dando conta das conquistas de Eduardo Gageiro não esquecendo de o referenciar sempre como antigo colaborador. Com a entrada no mundo da redação do *Diário Ilustrado* aprendeu uma lição: quem controlava os serviços não era o chefe de redação mas sim os fotógrafos, e marcavam-lhe os piores. Apercebeu-se de que os periódicos da época eram dominados por meia dúzia de fotógrafos instalados. Eduardo gostava de marcar a diferença. Umas vezes conseguia, outras não. Mas, desistir não fazia parte do seu léxico.

O *Diário Ilustrado* tinha uma particularidade: saía ao meio-dia e era todo maquetado ficando um espaço em branco, na primeira página, para a fotografia do acontecimento mais fresquinho do dia. Em 1960, os reis da Tailândia estavam de visita ao nosso país e era preciso cobrir o evento através de uma foto de 3x9. No cais da Marinha, Eduardo disparou inúmeras vezes mas faltava proporção às fotografias. Passou-se tudo muito rápido, os reis entraram no barco e não tinha batido a fotografia de primeira página. Entrou em pânico mas resolveu ousar. Conhecia os senhores do protocolo e pediu que os reis voltassem a sair, o que não deixava de ser complicado e até algo ridículo. Safou-se. E a fotografia teve honras de primeira página.



Recorte do jornal *Vida Ribatejana*

de 20 de abril de 1957.

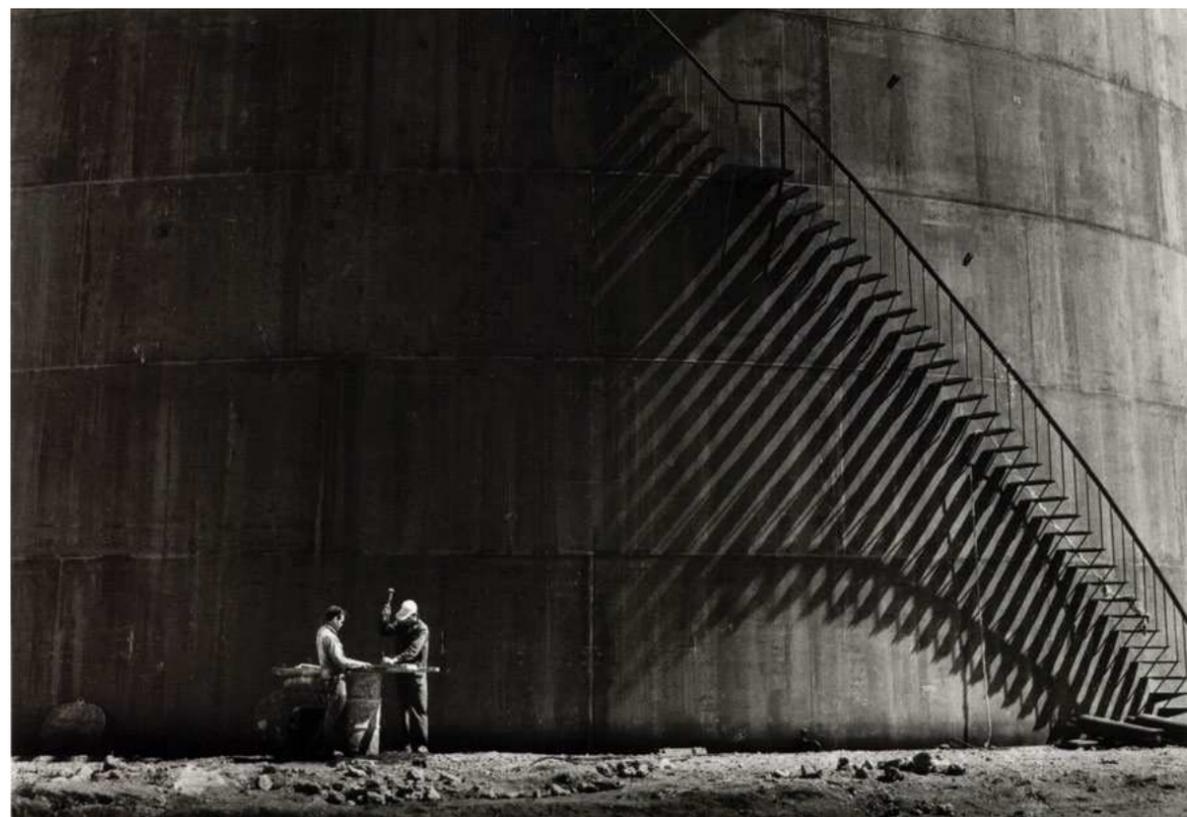
Fotografia *Encontro*, de Eduardo Gageiro,

admitida a concurso internacional.



Deu a carta de alforria a uma arte que os velhos *routiers* do jornalismo consideravam subalterna.

Baptista-Bastos



LABUTA

Sacavém, 1960

(Foto: Eduardo Gageiro)

Nesse mesmo ano, Eduardo fez a cobertura fotográfica da visita do Presidente da República do Brasil a Portugal, no Palácio Nacional de Queluz e na embaixada daquele país. O fotojornalista afirmava-se.

Às suas qualidades inatas e, entretanto, às adquiridas, Eduardo foi acrescentando mais informação relacionada com aquilo que fazia. À medida que foi marcando presença em concursos nacionais e internacionais, começou a receber os catálogos e a perceber que a linguagem fotográfica não era a que se fazia por cá. Havia outra linguagem que procurou não plagiar mas fazer de maneira diferente. Depois começou a comprar a *LIFE*, que era das poucas revistas que chegavam a Portugal. Eduardo já dominava a técnica fotográfica mas desconhecia o que se fazia lá fora. Ao folhear aquela revista, começou a fotografar de maneira diferente, mais aberta, mais fotojornalística.

Nunca teve um mestre que lhe abrisse as portas do mundo da fotografia. Mas sempre admirou a obra de Joshua Benoliel, a quem via como um precursor do fotojornalismo em Portugal, e de Cartier-Bresson.

Joshua Benoliel foi jornalista e fotógrafo. Nasceu em Lisboa em 13 de janeiro de 1873 e morreu em 3 de fevereiro de 1932. É considerado o pai da

reportagem fotográfica em Portugal. Fixou na película muitos dos grandes acontecimentos políticos e sociais. Acompanhou pela Europa e ao Brasil os nossos reis e presidentes da República. Esteve em Londres e em França com D. Carlos I, acompanhou a queda da monarquia em Espanha, assistiu à Conferência de Algeciras, viveu a ditadura franquista, registou os vários momentos do 5 de Outubro de 1910, as incursões monárquicas, os tumultos sociais da I República, a preparação e a entrada de Portugal na I Grande Guerra, com magníficos registos da nossa ação nas trincheiras da Flandres. Trabalhou para vários jornais e revistas nacionais e estrangeiros. Dedicou grande parte da sua atividade jornalística ao *Século* e à *Ilustração Portuguesa*.^[6]

Henri Cartier-Bresson, fotógrafo, nasceu em França em 22 de agosto de 1908 e faleceu em 3 de Agosto de 2004. Tirou as suas primeiras fotografias na Costa do Marfim em 1931. Foi preso pelos alemães em 1940 e escapou do cativeiro em 1943. Registou alguns dos mais importantes momentos do século xx: os infortúnios dos republicanos espanhóis, a libertação de Paris na Segunda Guerra Mundial, as últimas horas de Gandhi, a vitória dos comunistas na China. Colaborou em três filmes de Jean Renoir e imortalizou várias personalidades como Mauriac, Giacometti, Sartre, Faulkner, em retratos únicos.^[7]

Sem presunção, Eduardo verificava que já ia fazendo um estilo de fotografia idêntico àqueles e a outros grandes talentos da fotografia mundial, a quem aprendeu a respeitar pelo seu trabalho, tais como, o canadiano Karls, os australianos Rudolf H. Berger e Leopold Ficher, os chineses Fan Ho, Tchan Fon Li e o Dr. O Szeto, entre outros.^[8]

Desde essa altura, ando sempre atento ao que se faz. Eu tenho 76 anos e julgo, não tenho a certeza, que não estou desactualizado. Estou sempre a ver o que há, quem é que fotografa melhor e isso é fundamental, uma pessoa não pode estagnar!

Eduardo Gageiro, 2011

A vida profissional corria de feição. A pessoal também: a 19 de junho de 1960, Eduardo Antunes Gageiro casou com Natércia de Jesus Gouveia. Anos antes, num dos muitos bailaricos a que foi com os seus amigos de infância, conheceu uma das miúdas mais giras das redondezas. Dela sabia que morava na Rua da Fonte e que andava a estudar. Já era costume estarem no Largo da Saúde à espera que chegasse a camioneta onde ela vinha. Todos espriavam a vista pela sua figura mas só Eduardo é que se ia atrevendo a soltar uma "boa-tarde" ou um "bom-dia". Não era rapariga de bailes, mas nesse baile da primavera em questão apareceu com um vestido muito bonito



Eduardo com Natércia em Lafões, 1955

(fotografia colorida à mão por Eduardo Gageiro)



Recorte do *Diário Ilustrado*

de 19 de junho de 1960.

Anúncio do casamento de Eduardo Gageiro

com Natércia de Jesus Gouveia



com uma flor de lado. O entusiasmo percorreu todo o grupo de rapazes: estava ali a miúda da camioneta. Pensou em avançar mas tinha receio de levar uma tampa. Aliás, não seria o primeiro nessa noite. Seguiu o seu instinto “fotográfico” e arriscou: convidou-a para dançar. Ela aceitou e dançaram toda a noite. O namoro foi idêntico a tantos outros, segundo o uso e costume da época, tudo muito controlado, namoro de janela... Por sorte, o pai dela era amigo do seu pai. Namoraram durante nove anos, com altos e baixos. Os ar-rufos aconteciam porque Eduardo era muito malandroco mas acabavam por fazer as pazes até porque gostavam da conversa um do outro: ela, porque ele era um rapaz mais “vívido”; ele, porque ela andava a estudar e mostrava mais cultura que a maioria das raparigas de então. Ainda hoje é sua mulher, tiveram dois filhos, a Ana e o Rui.

Estávamos em 1960 e o rapaz de Sacavém começava a afirmar-se no panorama fotográfico internacional. Na Exposição Internacional de Fotografia de Seattle, nos Estados Unidos da América, viu a sua fotografia *Fátima* ser selecionada para integrar a colecção permanente do Museu de Arte da cidade. Uma honra que coube apenas a dez fotógrafos. Esta foto emblemática deu a Gageiro inúmeros prémios internacionais.

Nos inícios de 1961, Eduardo Gageiro foi definido com um «caso sério» da fotografia. O reconhecimento do seu trabalho veio da classe dos gráficos, incansáveis profissionais do mundo dos jornais e com os quais Eduardo muito aprendeu nos seus primeiros tempos do *Diário Ilustrado*.

O ano de 1962 representou para Gageiro uma nova etapa na sua carreira: a primeira reportagem no estrangeiro. Ao jeito da linguagem futebolística, que se adequa pela natureza do evento, Gageiro internacionalizou-se. Ao serviço do *Diário Ilustrado*, em deslocação ao antigo Estádio Olímpico de Amsterdão, registou a mítica vitória por 5-3 do Sport Lisboa e Benfica frente ao não menos mítico Real Madrid, no dia 2 de maio, conquistando o mais alto troféu de clubes a nível mundial: a Taça dos Campeões 1961/62. Com toda a certeza, uma cobertura duplamente doce para Gageiro visto também envergar a camisola do clube que quebrou a hegemonia do Real Madrid.

Neste mesmo mês, o conjunto de fotos *Pureza*, *Fátima* e *Amargura*, conquistou a medalha de ouro no Salão Internacional de Fotografia de Courtrai, na Bélgica, entre 2391 fotografias de 33 países. Em fevereiro, *Fátima* já tinha ganho o primeiro prémio no Salão Internacional de Fotografia de Belo Horizonte, Brasil, entre centenas de candidatos.^[9]

Em março de 1963, um acontecimento dramático veio alterar, para o mal e para o bem, a vida do fotógrafo em início de carreira: o encerramento



Se não fosse fotógrafo, não sei o que é que ele poderia ser mais. Talvez um bom empregado de escritório?! Parece que era a função dele em Sacavém, era aquilo que o pai sonhava, ser empregado de escritório. É um fotógrafo espectacular!

António Manuel Costa, 2011



Recorte do *Diário Ilustrado* de 3 de maio de 1962.

Final da Taça dos Campeões Europeus 1961-62.

Estádio Olímpico de Amsterdão.

Primeira reportagem de Eduardo Gageiro no estrangeiro





▲
Fátima

Portugal, 1958

(Foto: Eduardo Gageiro)

▶
Recorte do jornal *Cícero*, Ano II,
n.º 22, janeiro, 1961.

Homenagem ao trabalho artístico
de Eduardo Gageiro



JUSTIÇA A QUEM A MERECE...

*«Pureza», uma das fotografias
mais premiadas, que nos revela
a alta sensibilidade artística
de Eduardo Antunes Gageiro*

EDUARDO GAGEIRO

— UM NOVO QUE SE IMPÕE NA ARTE DE FOTOGRAFIAR

Apesar de esquecidos por muitos, os repórteres-fotográficos dos jornais são, quanto a nós, elementos indispensáveis na valorização do trabalho jornalístico e na informação do público.

Portanto, «Cícero», ao iniciar a rubrica «Justiça a quem a merece...», optou por um repórter-fotográfico de um jornal diário lisboeta. Com este facto, prestamos homenagem a todos quantos exercem a honrosa profissão, e que, felizmente, livres do ar tóxico das oficinas, não deixam, por isso, de ser elementos utilíssimos na valorização e informação da Imprensa, merecendo o respeito e a admiração de todos os gráficos.

É, pois, com o maior prazer que trazemos hoje às colunas de «Ci-

ceros» o nome prestigioso — e até agora quase desconhecido entre nós! — de Eduardo Antunes Gageiro, jovem repórter-fotográfico ultimamente ao serviço de um vespertino da capital.

Eduardo A. Gageiro é, actualmente, um «caso sério» em fotografia. Podemos mesmo acrescentar que, presentemente, se pode classificar entre os melhores artistas do Mundo na difícil e maravilhosa arte de fotografar. Os seus «trabalhos» possuem «qualquer coisa»

que nos faz vibrar, que fala à nossa sensibilidade e que, por fim, deixam atrás de si um rasto de admiração, que jamais se esquece. E por isso as suas fotografias têm obtido em quase todas as exposições — tanto nacionais como estrangeiras — os melhores prémios.

E no momento em que escrevemos estas linhas, tendo diante de nós algumas fotografias de Eduardo Antunes Gageiro, como que a mostrar-nos que a Arte é imprescindível na formação emocional do ser humano, venha ela de onde vier, a rádio — que es-

VISADO PELA CENSURA

continua na página quatro

do Diário Ilustrado. Seguiu-se o desemprego, um período difícil, durante o qual chegou a receber uma carta do presidente do sindicato dos jornalistas exigindo-lhe a devolução da carteira profissional. Em junho, passou a colaborar no magazine feminino *Eva*. Mas, estes não eram os seus planos para o futuro. O seu perfil adequava-se a outro tipo de imprensa. Finalmente, em outubro desse ano, Gageiro ingressou na redacção de *O Século*, tendo depois passado para o *Século Ilustrado*, a convite de Nelson de Barros, quando este assumiu a direcção daquele órgão de comunicação.

Começava uma nova etapa na carreira em que se afirmaria como um dos expoentes máximos do fotojornalismo e da arte fotográfica em Portugal e no estrangeiro.

No *Século Ilustrado* havia um laboratório para revelação de fotografia, e com o volume de trabalho de Gageiro não lhe sobrava tempo para essas tarefas, que viriam a ser executadas por António Xavier. Este já trabalhava nesta área desde os 15 anos e Gageiro apercebeu-se da qualidade deste jovem. Foi seu colaborador e veio também mais tarde a distinguir-se enquanto fotojornalista no *Século Ilustrado*, na *Flama* e na *Visão*.

Dessa relação profissional nasceu também uma amizade que se manteria pela vida fora. Aliás, o convívio entre colegas era bastante frequente e Gageiro fazia questão de alimentar esses momentos fosse através de almoços e patuscadas fosse nas muitas deslocações a Sacavém para comer o bacalhau assado, na tasca do Gageiro [pai].

Corria assim o ano de 1963, *Calvário*, uma das suas mais emblemáticas fotografias – uma mulher de idade avançada puxando as redes de pesca na praia da Nazaré – trazendo para o domínio artístico a dura faina dos pescadores, corria mundo somando vários prémios internacionais. Duas medalhas de ouro no Concurso Internacional Fotográfico de Belgrado e prémio de honra na Exposição Internacional de Arte Fotográfica de Budapeste, entre outros prémios. Poderia parecer feito de pouca monta, mas em Belgrado deram entrada 3110 fotografias de 945 repórteres profissionais, oriundos de 42 países. Apenas 290 foram seleccionadas. Em Budapeste, foram apresentados 2030 trabalhos de 35 nações.^[10]

Já habituado às luzes da ribalta, Gageiro não esquecia as suas origens nem estas a ele. Em junho desse ano, entre os dias 16 e 21, o Clube Recreativo de Sacavém apresentou uma exposição de 46 fotografias deste filho de Sacavém, assim apelidado com orgulho.

O ano de 1964 abriu com mais uma importante conquista: logo em janeiro, medalha de ouro no IV Concurso Internacional de Fotografia de Viena, mais



O Gageiro viu-me a trabalhar e foi ele que me puxou para o laboratório do *Século Ilustrado*. Um dia, foi lá falar com o director, o Francisco Mata, e disse-lhe que o Xavier tinha que começar a fazer fotografia. Aprendi muito com ele, com as imagens que ele fazia e com as revistas estrangeiras.

António Xavier, 2012



01



02



03



04



05

01. Almoço de confraternização de fotojornalistas no 1.º de Maio.

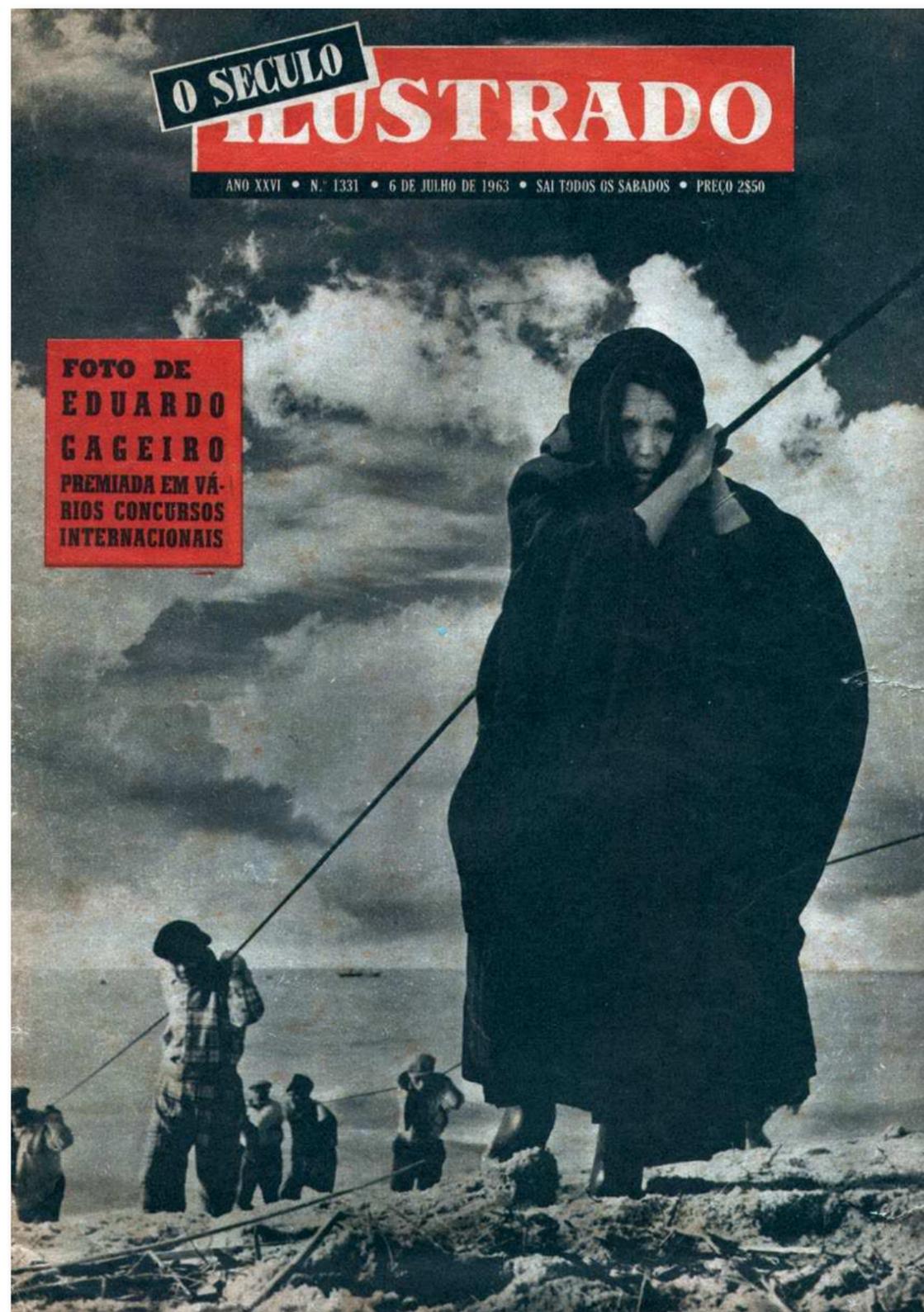
Década de 60, século xx. Da direita para a esquerda: 3.º Eduardo Gageiro; penúltimo, António Xavier (Foto cedida por António Xavier)

02. Almoço de confraternização com vários colegas, amigos e familiares, em Arruda dos Vinhos. Da esquerda para a direita, em pé: 1.º Corregedor da Fonseca, 3.º Raul Solnado, 4.º Eduardo de Jesus Gageiro (pai de Gageiro), 8.º Luís Gouveia (sogro), 13.º José Araújo.

Da esquerda para a direita, em baixo: António Xavier, Maria dos Anjos, Ana Gageiro, Eduardo, Natércia. De cócoras: Roby Amorim. Década de 60, século xx. (Foto cedida por António Xavier)

03 e 04. Cartão de identidade do *Diário Ilustrado*. 1959

05. Cartão de identidade de *O Século*. 1964



A Boneca

Acidente de avião da força aérea brasileira.

Aeroporto de Lisboa.

11 de dezembro de 1960

(Foto: Eduardo Gageiro)



Calvário

Capa do *Século Ilustrado* de 6 de julho de 1963.

(Foto de Eduardo Gageiro)



uma vez com a célebre fotografia *Calvário*. Foi também nomeado membro de honra da Associação Austríaca de Fotografia. Este trabalho granjeou o mesmo prémio nos Jogos Olímpicos dos Artistas do Preto e Branco, na Alemanha, em Maio. Caía o pano sobre esse ano recheado de prémios e Gageiro sentiu, mais uma vez, o toque do ouro, no Concurso Internacional de Fotografia de Dornbirn, na Áustria. A distinção foi atribuída pelo conjunto das fotos *Pureza*, *Calvário*, *A Boneca* e *Fátima*.^[11]

No fotojornalismo consegue-se, em fracções de segundo, captar um momento onde está um bom enquadramento, um conteúdo, uma emoção.

Eduardo Gageiro

Por esses dias, sentia Eduardo os efeitos de uma autêntica febre dos concursos que só viria ser interrompida por uma fatalidade. Concorria a muitos concursos, começou a amearhar prémios, uns atrás dos outros, e foi tomando o gosto e recebendo convites. A fotografia da Nazaré, daquela mulher que ao puxar as redes parecia carregar o mundo nos ombros, deu-lhe um forte incentivo: mais de vinte medalhas de ouro. Nunca omitiu o seu nome, salvo nos concursos em que era obrigado a usar pseudónimo. Nesses, identificava-se como «De Caterina» pois a coincidência de letras lembrava-lhe o nome de sua mulher, Natércia.

Bilhete de Identidade de colaborador da Associated Press.
Presidência do Conselho – Secretariado Nacional da Informação
15 de Julho de 1964



Ninguém fotografou melhor certo Portugal do que o Eduardo Gageiro.

José Carlos de Vasconcelos



Ele fotografou uma peça que eu fiz no teatro Moderno, em 1962/63, chamada *Render dos Heróis* uma peça extraordinária do José Cardoso Pires, que foi toda censurada e depois também foi censurada uma fotografia que ele fez que era para ser publicada numa *Eva de Natal*.

Ruy de Carvalho

Os prémios no estrangeiro eram os que lhe davam mais prazer, pois possibilitavam-lhe viajar mundo fora. Na altura, sair de Portugal era um acontecimento raro e a comunicação com o exterior quase nula e, assim, podia denunciar a situação que se vivia no seu país. Por cá, a partir de dado momento percebeu que havia já um certo cansaço e que talvez os júris não estivessem a atribuir-lhe prémios por acharem que já havia ganho os suficientes.

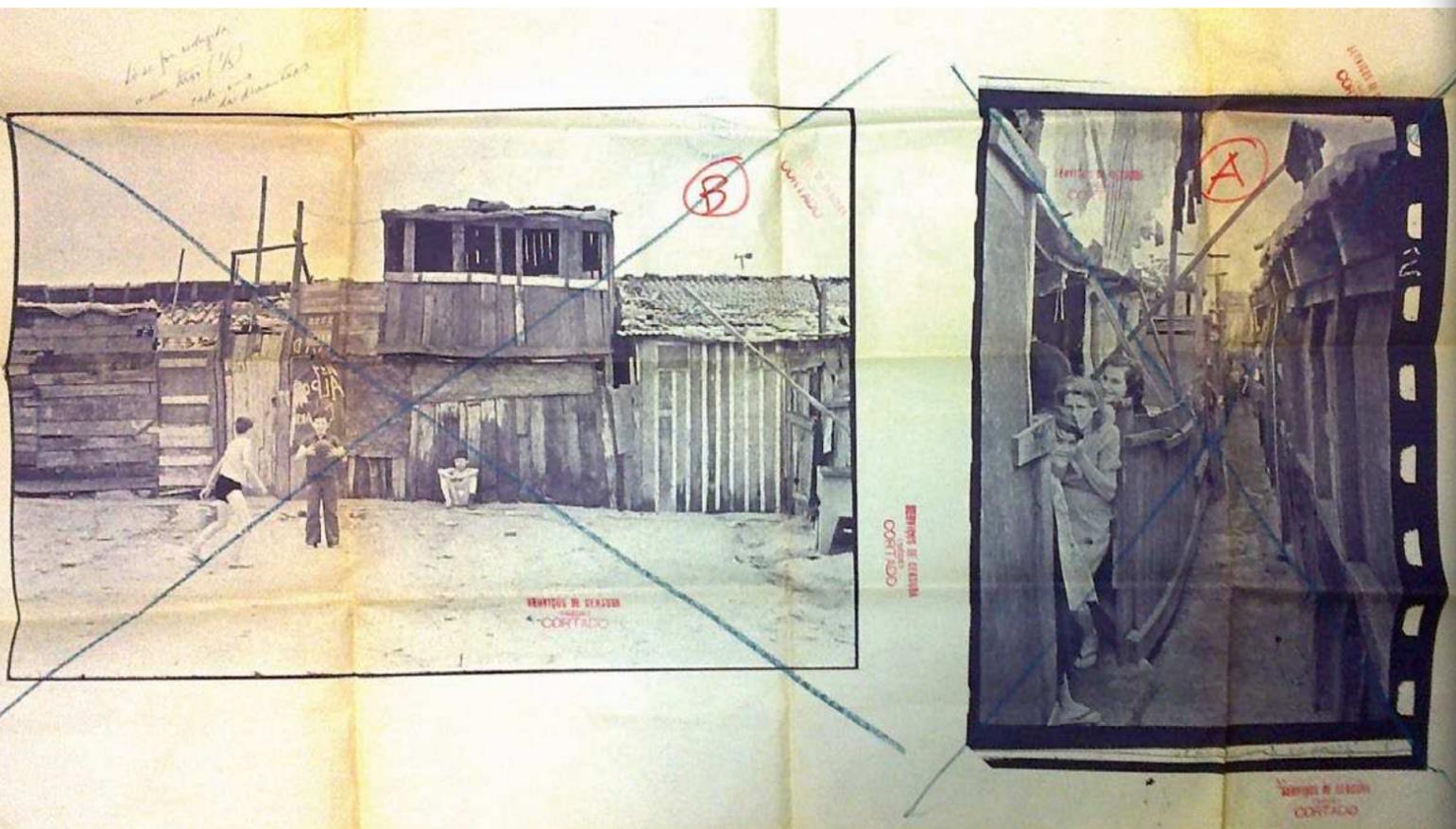
A distinção «EXCELLENCE FIAP», atribuída pela Federation Internationale de L'Art Photographique em março de 1964, representou para Eduardo a cereja no topo do bolo. A visibilidade alcançada e a proposta do Foto Clube 6x6, de que Gageiro era sócio, permitiram-lhe adquirir um estatuto reservado apenas a alguns. Doravante, podia fazer acompanhar o seu nome das iniciais «EFIAP». Entretanto, tornara-se colaborador da Associated Press. Fama e glória atraíam atenções sobre si, traziam imensas alegrias mas também algumas amarguras.

Quando fotografava, Gageiro manifestava a sua opinião, a sua perspectiva, tentava passar uma mensagem. Quando falava, também. Corria riscos e sabia-o. Gageiro era colaborador da Associated Press, enviava fotos inconvenientes para o regime, outras eram utilizadas em propaganda antigovernamental. Em Portugal, viviam-se tempos difíceis. O Estado Novo, com os seus mecanismos de controlo da sociedade, estava sempre alerta e exercia uma fiscalização muito apertada sobre a imprensa, através das instituições criadas para o efeito. A Censura estava sempre disposta a usar o seu proibitivo lápis azul e a PIDE – Polícia de Intervenção e Defesa do Estado não hesitava em prender quem ousava falar contra o regime.

Chegou a ter situações desagradáveis durante a cobertura de eventos oficiais. Tinha por hábito disparar no intervalo dos outros fotógrafos quando os membros do governo não estavam a posar para o retrato. Isso irritava os elementos da polícia e das comitivas oficiais. O presidente do SNI – Secretariado Nacional de Informação^[12] irritava-se particularmente sempre que Gageiro disparava e chegou a dizer:

– Já não suporto ouvir o seu disparo, Gageiro!

Chegou a ser posto na rua e muitas das suas fotografias eram censuradas. Por essas e por outras, recorria amiúde a uma técnica que consistia em ter sempre um rolo virgem à mão para trocar o rolo quando as coisas estivessem malparadas com a polícia. Nem sempre resultou. Num 5 de Outubro, no Alto de São João, estava a fotografar e os pides pareciam enxames de abelhas de volta do carro onde se encontrava. Perante uma ordem do comandante para entregar o rolo, Gageiro abriu a máquina e rebobinou o rolo inteiro à luz do sol, estragando todas as fotografias.



Fotografias de Eduardo Gageiro censuradas



▲ **Repressão**

Manifestação do 5 de Outubro em 1960

Lisboa

(Foto: Eduardo Gageiro)

◀ Uma RGA – Reunião Geral de Alunos.

Crise académica

1968

(Foto: Eduardo Gageiro)

N.º 27344

Nome e alcunha Eduardo Antunes Gageiro

Estado casado Profissão repórter fotografias 70

Naturalidade Sacavém - Guimaraes Data do Nascimento 16-2-1935

Filiação Eduardo Antunes Gageiro e da Adelaide Afonso Antunes Gageiro

Residência Quinta de São José, J.º 2.º 81.º Sacavém

Quais indicações _____

Número do processo de valores ou documentos apreendidos _____

BIOGRAFIA PRISIONAL

Preso pela Direcção em 26-6-65, para investigação de crime contra a segurança do Estado, tendo sido libertado no Depósito de Alcaide de Caxias a 18-6-65 - Reg. 2908/65 - Pres. 1398/65 - Voltou em 28-6-65 - O.S. 181/65.

Altura 1,74

Côr Branca

Sinais particulares _____

Nacionalidade Portuguesa

Eduardo Antunes Gageiro 26-6-65 22134



Aquela fotografia que você tem que é uma mulher da Nazaré, que ganhou prémios, você não acha que aquilo dá uma má imagem de Portugal lá fora? Por que é que você não fotografa paisagens? Nós temos paisagens tão bonitas!

Agentes da PIDE, 1965

Dessa vez teve sorte. Mas, uma noite, às três da manhã, a pretexto de umas fotografias de manifestações de estudantes, dois agentes foram buscá-lo a Sacavém e levaram-no para os calabouços da PIDE. Uma manhã, trouxeram-no de Caxias para a sede, na Rua António Maria Cardoso. Serviram-lhe almoço, ovos estrelados, e disseram-lhe que iam conversar da parte da tarde. Foi interrogado horas a fio até à exaustão. As perguntas sucediam-se na expectativa que Gageiro caísse em contradição. Acusaram-no de só fotografar lugares e gente humilde, atiraram-lhe à cara a fotografia da Nazaré, confrontaram-no com reportagens concretas que Gageiro havia assinado para o *Século Ilustrado*. Defendeu-se como pôde, alegando fazer apenas o seu trabalho, registrar apenas o que via, cobrir os eventos e as situações de que era incumbido. Entretanto, passaram revista nas instalações de *O Século* e na sua residência em Sacavém. À época, ainda vivia junto à Quinta de São José.

Muitas horas depois, apareceu um agente com uma máquina de barbear na mão. Eduardo já não fazia a barba há vários dias, estava com um ar desleixado. O agente disse-lhe para se barbear pois não queriam que saísse de lá com mau aspeto. Foi mandado embora com a promessa de que voltariam a encontrar-se. Eduardo considera que a sua libertação se deveu ao facto de alguns elementos da imprensa estrangeira, que o conheciam, terem questionado a sua ausência durante um almoço oferecido pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, Franco Nogueira.

A prisão traumatizou sobremaneira o repórter fotográfico. Durante algum tempo não enviou fotografias para o estrangeiro enquanto colaborador da Associated Press. Fosse onde fosse, não suportava estar virado para uma parede. Daí nasceu uma admiração profunda por todas as vítimas que sofreram e sucumbiram nas mãos da polícia política, sentimento que o acompanhou, mais tarde, quando registou a prisão dos elementos da ex-PIDE, então Direcção-Geral de Segurança, a libertação dos presos políticos e a queda do regime.

Quando estamos presos ao fim de algum tempo não se consegue ver as grades. Via as grades, via a GNR a passar e depois via borboletas, pardais e outros pássaros e ficava com uma inveja fantástica daquela liberdade. Pensava que não podia olhar para ali, porque eu não tinha liberdade e então virava-me para a parede.

Eduardo Gageiro

Ficha da PIDE

ANTT, PIDE, Serviços Centrais, Registo Geral de Presos, liv. 137, registo n.º 27344

(PT-TT-PIDE/E/10/137/27344)

(Imagem cedida por Eduardo Gageiro)

Mas havia situações algo caricatas em que Gageiro sabia levar vantagem. Uma vez, no Terreiro do Paço, estava a fotografar o 10 de Junho e tinha comprado uma máquina nova. Naquela altura, em que só se usavam as tradicionais Rolleicord, Gageiro apareceu com uma Pentax, com teleobjetiva e

punho. Por ignorância ou receio daquele objeto fora do comum, não queriam deixá-lo aproximar-se do palanque em que Salazar discursava. Por sorte, um dos inspetores de serviço era o Rosa Casaco, que partilhava com Gageiro o interesse pela fotografia. Era costume encontrarem-se na FILMARTE, onde mandavam fazer as ampliações e conversavam. Gostavam das fotografias um do outro. E assim foi possível fotografar todo o *staff* governamental, numa pose descontraída.

Eu era um não-alinhado, disparava sempre nos intervalos dos outros.

Eduardo Gageiro

Em abril de 1965, dois meses antes de ser preso pela PIDE, Gageiro tinha vencido o XIX Salão Internacional de Hong Kong. Mais uma vez, a sua fotografia *Calvário* deu-lhe o prémio mais alto, o troféu de ouro. Não era apenas mais um prémio a juntar ao seu palmarés de 89 prémios internacionais e 56 em Portugal, mas o maior troféu mundial de fotografia. Estiveram presentes 2289 fotografias de 43 países. Logo após esta conquista, foi mais uma vez entrevistado pela imprensa. Manifestou o seu descrédito pelo prémio do SNI – Secretariado Nacional de Informação e pelo *lobby* da fotografia nacional. Gageiro falava com a mesma frontalidade com que fotografava.⁽¹³⁾ Concursos, salões, exposições, prémios, sucediam-se a um ritmo quase alucinante e Gageiro era já o fotógrafo nacional mais premiado. À época, estava cotado entre os trinta melhores fotógrafos a nível internacional, distinção atribuída em Viena por um júri composto por três nomes consagrados da fotografia mundial: os húngaros, Gink e Soyka, e o austríaco Hengel.⁽¹⁴⁾ Alcançado o patamar mais alto na profissão e na arte da fotografia, há já algum tempo que acalentava o desejo de conceber a primeira exposição individual, longe do mediatismo das mostras coletivas dos grandes salões nacionais e internacionais. O evento não passou despercebido à imprensa da época, ou não fora Gageiro também colega de profissão. O local escolhido foi a Livraria-Galeria Espaço, em Algés, onde expôs 15 das suas fotografias, entre finais de fevereiro e 12 de março de 1966.

Em Agosto, com a cumplicidade de Raul Solnado, protagonizou um momento jocoso quando fotografou o humorista a sair de uma tampa de águas pluviais, em pleno tabuleiro da Ponte Sobre o Tejo. Faltavam poucos dias para a inauguração. Dois anos antes, Gageiro tinha recolhido imagens do processo de construção e percorreu o chamado passeio do gato, onde sentiu um arrepio na espinha, apesar dos meios de segurança. Não era para menos: estava a 70 metros de altura da água.

No decorrer desse ano, Gageiro, com o seu talento, descobriu um outro: um, na arte de fotografar; o outro, na de se deixar fotografar. Cristalina da Cunha



▲
Raul Solnado
Dois dias antes da inauguração
da Ponte sobre o Tejo
Lisboa, 1966
(Foto: Eduardo Gageiro)

◀
Eduardo Gageiro durante a construção
da Ponte sobre o Tejo – Passeio do Gato
Lisboa, 1964

Lopes dos Santos, Miss Objectiva de Portugal, arrebatou o ceptro universal ao ganhar o título de Miss Objectiva Internacional, no evento promovido pela Associação dos Repórteres Fotográficos e Cinematográficos do Brasil. Foi Eduardo Gageiro quem descobriu a alfacinha de rosto extraordinariamente bem feito, de olhos alegres e tão vivos quanto a objetiva do fotógrafo. A eleição da *miss* pressupunha a do fotógrafo que a havia descoberto, e Gageiro ganhou viagem e estadia em São Paulo para acompanhar a representante de Portugal. Nesta passagem por terras de Vera Cruz, Gageiro esteve presente no II Congresso Internacional de Repórteres Fotográficos e Cinematográficos, acompanhado pela beldade portuguesa e onde estiveram presentes as restantes candidatas ao X Concurso Miss Objectiva Internacional. Cumprindo os votos da declaração de princípios do I Congresso, realizado em 1965, foi criada a Associação Internacional de Repórteres Fotográficos e Cinematográficos, para a qual Gageiro foi eleito vice-presidente^[15].

Entretanto, longe dos holofotes de uma certa fama e projeção internacionais, Gageiro continuava por cá a fazer aquilo que bem sabia e que muito o realizava: a fotorreportagem. Era, de facto, incansável e recorria a inúmeras artimanhas para obter o melhor instantâneo. Por vezes, sabia transformar a desvantagem em vantagem quando o pânico lhe aguçava o engenho.

Em maio de 1967, inserido nas comemorações do cinquentenário das aparições de Nossa Senhora aos videntes Lúcia, Francisco e Jacinta, aconteceu a primeira visita de um Pontífice a Portugal, João Paulo VI. Nessa altura, Gageiro estava no *Século Ilustrado*, mas foi também contratado pela Associated Press para fazer as fotografias da visita do Papa. Este é um exemplo, que agora recorda com alguma piada, embora se tenha tratado de uma situação complicada e que o deixou bastante aflito.

Nas vésperas da visita houve uma reunião com todos os correspondentes da Associated Press de vários países. A Agência tinha alugado um laboratório onde as fotografias seriam reveladas e depois canalizadas para os respetivos destinos. Nessa reunião foram distribuídos os locais onde cada um ficaria. Gageiro foi incumbido de ficar o mais próximo possível do altar. A reunião prolongou-se por uma espécie de tertúlia até altas horas. O resultado foi que, no dia seguinte, se levantaram um pouco mais tarde e, quando tentou chegar ao local, foi confrontado com uma multidão de pessoas através da qual era impossível romper. Mais uma vez, valeu-lhe o seu espírito engenhoso. Observou o cenário e viu uma estrutura em ferro, na qual estava instalada uma câmara de televisão. Então, pediu ao *cameraman* que o deixasse subir. Lá ficou de joelhos até ao momento em que o "papamóvel" se aproximou e Gageiro gritou pelo Santo Padre que olhou na sua direção, abrindo os braços. Aproveitou o momento e a foto correu mundo.



Ver como o Eduardo trabalhava e tantas vezes parece que conseguia como que tirar água das pedras... até hoje.

José Carlos de Vasconcelos



Visita do Papa Paulo VI

Fátima, Portugal

1967

(Foto: Eduardo Gageiro)

Viviam-se os últimos anos da década de Sessenta, mais precisamente o ano de 1968, e dois acontecimentos marcaram a vida de Gageiro assim como a dos intervenientes.

Um deles nunca deixou de inquietar a sua consciência. A história passou-se com o seu colega Roby Amorim, numa reportagem sobre o nordeste transmontano. Caía a noite sobre uma pequena aldeia da serra do Barroso quando, sob um manto de neblina que se abatia sobre a paisagem, Gageiro viu uma menina à beira da estrada, com os olhos muito arregalados. Parou o carro, um *Carocha* em segunda mão que tinha na altura, pegou na máquina e fez-lhe uma fotografia com objetiva normal. Uma menina com cerca de 11 anos, chamada Elsa, que carregava no olhar a tristeza de uma infância mal vivida. A foto foi publicada nessa edição do *Século Ilustrado*. Passado algum tempo, receberam uma carta de uma senhora que queria saber quem era a menina. O Roby Amorim escreveu para o padre da região e lá descobriram a criança. Era uma de onze irmãos, de uma família que vivia com imensas dificuldades. Ao falar com os pais, perceberam que se alguém a levasse, era um alívio para aquela família porque sempre era uma boca a menos. A senhora propôs levá-la para Luanda para lhe proporcionar estudos e uma vida melhor, pois era gente de posses.

Mas Gageiro nunca conseguiu esquecer esta história, assaltado pela dúvida, se tinha feito bem ou mal, consciente das consequências que o simples ato de disparar a objetiva podia acarretar para a vida de uma pessoa. Uma vez, num programa do Luís Pereira de Sousa mostrou a fotografia da Elsa. Mais tarde, recebeu uma carta da senhora que a tinha adotado. A Elsa tinha crescido e estava bem. A sua preocupação não decresceu. Só muito recentemente pôde reencontrar-se com ela. Elsa tem dois filhos e vive nos arredores de Lisboa. Esta simples fotografia alterou o destino daquela jovem: para melhor ou para pior, é uma dúvida que ficará sempre sem resposta.

Nesse mesmo ano, o famoso cirurgião cardiovascular sul-africano Christian Barnard estava de visita ao nosso país. Hospedado no Ritz, em Lisboa, não imaginava o desespero de uma mãe que procurava ajuda médica para o seu filho. Numa das vezes em que esta estava à porta do hotel, na esperança de falar com o médico, Gageiro cruzou-se com ela e prontificou-se a falar com o *staff* de Barnard. Graças à sua intervenção, o pequeno e a sua mãe foram recebidos pelo cirurgião que aceitou operá-lo ao coração na Cidade do Cabo, na África do Sul. Gageiro registou o momento emotivo do encontro entre ambos em Lisboa.

Gageiro fotografava com a emoção mas também com a razão. Para ele, uma fotografia não era apenas um objeto estético mas também, e sobretudo, um objeto ético, uma forma de estar e de intervir na vida e de denunciar situações injustas. A sua postura incomodava muita gente.



De Gageiro se diz que descobre todos os dias Portugal, descrevendo o olhar mais íntimo de cada um de nós, portugueses.

José Cardoso Pires



No último número que se publicou do *Século Ilustrado*, fizemos um trabalho em que eu perguntei a cada um que relatasse um episódio marcante da sua vida de trabalho e o Gageiro, que teve tantos prémios e cobriu acontecimentos nacionais internacionais, destacou o caso desta garota dizendo: «Fotografar é uma grande responsabilidade porque nós nunca sabemos até que ponto é que uma fotografia pode mudar, para o bem e para o mal, a vida de uma pessoa!»

Maria Antónia Palla, 2012



Elsa
Serra do Barroso, Portugal
1968
(Foto: Eduardo Gageiro)



Procuro sobretudo incomodar as pessoas que vivem calmamente, sem a noção dos problemas reais, felizes consigo próprias, pretendendo desconhecer a existência deles.

Eduardo Gageiro

Daí sempre ter rejeitado qualquer tipo de comparação com muitos fotógrafos do seu tempo, que mais não eram que fotógrafos de circunstância, os chamados bate-chapas, que não imprimiam alma às suas fotos, incapazes de passar a mensagem, qualquer que ela fosse. Daí continuar a afirmar ser a antítese do *paparazzi*.

Foi também no ano de 1968 que Gageiro cumpriu em pleno o seu sonho de viajar mundo fora e de registar, passo a passo, os locais por onde ia passando. Em abril, deu início a um périplo de 23 dias pelo Oriente, na sequência da conquista do Grande Prémio do Concurso Fotográfico SONIPOL.^[16] Uma viagem de sonho: Japão, com passagem por Tóquio, Osaka e Nagasaki, Formosa, Tailândia, Hong-Kong, Macau, Líbano e Pérsia. Ficou a promessa de uma ampla recolha de documentação fotográfica para as páginas do *Século Ilustrado*. Gageiro cumpriu e o magazine também. A diáspora pelos locais mais longínquos teve o merecido destaque com amplas reportagens sobre as estadias no Japão e em Hong-Kong. O fotógrafo, ao seu jeito de intruso tolerado, mesclando-se nos ambientes, registou as gentes, os olhares, os hábitos culturais, a vida social, os quotidianos, a vida noturna, no fundo, o lado visível e invisível destas sociedades que, apesar das influências do Ocidente, preservavam ainda muitos dos seus traços ancestrais.^[17]

Gostava de ser muito rico para me dedicar somente à fotografia artística e poder viajar, viajar, desvendando mundos, captando-os, para depois, no regresso, os dar a conhecer com verdadeira objetividade.

Eduardo Gageiro

Em Portugal, participou na primeira reportagem sobre o Convento da Cartuxa, em Évora, local onde não era permitido entrar porque os seus habitantes viviam em clausura monástica. O *Século Ilustrado* fez uma ampla reportagem sobre o convento que, após ser abandonado em 1834, na sequência da extinção das ordens religiosas, estava novamente habitado havia oito anos.

No início desse ano, Gageiro viu serem expostos 65 trabalhos seus numa das salas das Belas Artes de Lisboa. O lado artístico do seu trabalho ganhava destaque e esse reconhecimento não se limitava aos numerosos prémios que foi amealhando. As suas fotos, submetidas a escrutínio e expostas já em muitos salões nacionais e internacionais, eram equiparadas a autênticas obras de arte. Gageiro era o artista-fotógrafo e a realidade a sua tela.



«(LON-7) LISBOA, 20 Junho (AP) – PROF. BARNARD COM PACIENTE: Prof. Christian Barnard, o cirurgião cardiovascular sul-africano, segura uma criança portuguesa, Paulo Alexandre Oliveira, durante a sua visita a 13 de março. O rapaz será operado, o mais depressa possível, ao coração, pelo Prof. Barnard no Hospital Groote Schuur na Cidade do Cabo. (AP Wirephoto) (rjp 20/6/68 ap/lis)»

(Foto: Eduardo Gageiro)



[...] Disse-o Gageiro para quem o quis ouvir. Disse-o com simplicidade, como soube (que ninguém esperava dele cuidadas retóricas). Os assuntos que tocou fizeram sobressair nele a verdade da sua arte. A câmara do Eduardo Gageiro não tem contemplações. Gageiro falou. As suas fotografias gritaram. [...] Mais estimulado, sem conversas cortadas, Gageiro teria dito muito mais. Mas, para quê? Não bastam, afinal, as suas fotografias? Elas não falam por si? Assim falassem aqueles que não fotografam...

Carlos Plantier, 1969



Página do *Século Ilustrado* de 22 de fevereiro de 1969
Hong Kong. Reportagem no âmbito da viagem ao Extremo Oriente (prémio SONIPOL)
(Foto: Eduardo Gageiro)

Eduardo Gageiro é, de facto, um pintor da fotografia, sem maneirismos, desdenhando o bonitinho e o truque fácil.

Autor não identificado

A objetiva de Gageiro não era escolhida ao acaso. Após passar por várias máquinas, como a KODAC, a Super IKonta, a Rolleicord, a Pentax, a Leica, por essa altura cimentava a ligação à que viria a ser a sua marca de eleição: a Canon. Era uma máquina sólida, robusta, compacta, que nunca avariava e que tinha uma objetiva muito boa. Depois de visitar a fábrica da Canon, no Japão, rendeu-se definitivamente à marca.

Com o fecho do ano de 68 a aproximar-se, o *Boletim Sacavenense* de novembro, órgão informativo da direção do Sport Grupo Sacavenense, anunciava a realização de uma exposição de fotografia de Eduardo Gageiro. Mais uma manifestação de apreço por parte do movimento associativo da sua terra, que é como quem diz das próprias gentes, pois a maior parte da actividade cultural da época passava pelo associativismo.

Ao lado artístico do trabalho de Eduardo Gageiro, somavam-se as suas qualidades no exercício da profissão enquanto fotorrepórter. A terceira edição dos Prémios João Pereira da Rosa, realizada em 1969, reconheceu o mérito de Gageiro ao galardoá-lo com o primeiro prémio Reportagem Fotográfica pelo conjunto de trabalhos publicados no *Século Ilustrado*. Gageiro já havia sido premiado na edição anterior. Estes prémios, que distinguiam profissionais da imprensa em várias áreas, eram uma homenagem ao homem que lhes deu o nome. João Pereira da Rosa trabalhou n' *O Século* desde os 13 anos de idade como administrativo, jornalista, diretor, até se lhe tornar proprietário.^[18]

Eduardo Gageiro estava habituado a rever-se em jornais e revistas e nas muitas notícias que saíam sobre ele. Mas, o ano de 1969 reservava-lhe outro desafio: «Eduardo Gageiro foi ao *Zip Zip*»^[19]. Entrevistado por Raul Solnado e Fialho Gouveia, Gageiro falou da sua experiência, do seu trabalho, dos seus prémios, porque à época era já considerado um dos 30 melhores fotógrafos do mundo, tudo motivos que justificavam a sua ida a um programa televisivo de audiência.

O *Zip Zip* constituiu um importante marco na história da televisão em Portugal. Um programa semanal de entretenimento da RTP, com características de *talk show*, nascido em 1969, e apresentado por Raul Solnado, Fialho Gouveia e Carlos Cruz. Era gravado ao sábado no Teatro Villaret e transmitido no serão de segunda-feira. Tinha a particularidade de contar entre o público com a presença de um agente da PIDE e o seu conteúdo tinha de ser, obvia-



Eduardo Gageiro no programa *Zip Zip*, com Fialho Gouveia e Raul Solnado 1969

mente, perscrutado pela máquina da Censura, a mesma que já havia riscado alguns trabalhos fotográficos de Gageiro.

Se Gageiro se destacava pelos dotes estéticos e artísticos do seu trabalho, igualmente se evidenciava pela sua grande capacidade de trabalho, já reconhecida, em fotorreportagem. Aliás, sempre gostou de trabalhar em semanários porque as reportagens, nomeadamente a grande reportagem, permitiam-lhe afirmar a máxima expressão da sua fotografia. Podia contar histórias. Daí que a mudança, em 1963, para uma revista com as características do *Século Ilustrado*, onde a imagem imperava sobre as letras, tenha sido de bom agrado. A revista era um suplemento semanal do jornal *O Século*, um diário matutino de Lisboa, publicado entre 1880 e 1978, e fundado pelo jornalista Sebastião de Magalhães Lima. A propriedade e a edição eram da Sociedade Nacional de Tipografia. E, acima de tudo, Gageiro também gostava de desafios, fosse em terras do Barroso fosse por paragens mais distantes.

Numa dessas ocasiões, foi parar ao Brasil. Maria Antónia Palla, sua colega no *Século Ilustrado*, convenceu-o a fazerem a cobertura do Carnaval do Rio. Estava-se em 1970.

Ao contrário do que seria talvez de esperar, não se limitaram a mostrar a festa mas quiseram conhecer e registar o que havia por detrás da festa. Começaram por fotografar e falar com as pessoas que finalizavam os seus trajes de carnaval e perceberam que os habitantes dos "morros", que viviam à margem da sociedade brasileira, tinham um dia por ano, pelo menos, em que eram reis, rainhas, princesas, cavaleiros e dominavam a cidade.

O Século e a *Manchete* tinham acordado que as fotografias seriam reveladas no Brasil. Quando começaram a revelar o trabalho perceberam que o Gagei-



Capa do primeiro livro editado por Eduardo Gageiro, 1971



O Gageiro é um homem que não usa muito a montagem, o trabalho da película. Aquilo que sai é exatamente o que o olhar dele gravou. Gravou na película, gravou na memória dele...

Maria Antónia Palla, 2011



O mundo viu a miséria de bens e de espírito de um país anestesiado e amordaçado pela ditadura.

Isabel Marques da Silva



Utilizávamos imagens do Gageiro, trabalhadas depois, fazíamos altos-contrastes, pintávamos e utilizávamos para campanhas da oposição.

José Araújo, 2011

ro tinha fotografado tanto quanto a equipa da *Manchete*, mais os bastidores do Carnaval.

Em 1971, editou o seu primeiro livro, *Gente*. O nome, o tema, os intervenientes, não poderiam ser outros. Gageiro era um fotógrafo de rostos, que sabia captar os olhares no momento em que estes exprimiam a genuinidade do sujeito, da atitude ou do gesto. O livro é composto por fotografias da década de 60 do século passado, em vários pontos do país. Nele, observamos gente que trabalha, que chora ou ri, que mendiga, que deambula ou que simplesmente dorme. Mil exemplares, com texto de José Cardoso Pires, seu amigo, que o ensinou a compor os livros numa sequência de imagens como se de cenas cinematográficas se tratasse. Apesar do trabalho de composição e do relevo artístico desta primeira compilação, Gageiro nunca se considerou um artista da fotografia.

Para mim a fotografia é uma arte mecânica. Eu não me considero um artista.

Eduardo Gageiro

Este livro foi uma autêntica pedrada no charco que incomodou o regime que vivia os dias de uma (falsa) primavera marcelista adiada. Mostrava um Portugal desconhecido revelado por Gageiro. A ousadia podia ter-lhe saído cara: esteve mais uma vez na mira da polícia política. Foi aliciado com uma função na televisão. Não aceitou. Achou que estavam a tentar comprá-lo.

O problema de Gageiro com a PIDE já vinha de trás e devia-se, principalmente, à sua postura de denúncia, à sua arma, a fotografia. As fotos que submetia a concurso, as que enviava para fora enquanto colaborador da Associated Press, denunciavam aspetos de um certo Portugal que ao regime não interessava dar a conhecer. Muitas foram censuradas. Outras eram utilizadas em folhetos, os chamados volantes, de propaganda oposicionista, cujos efeitos e filtros aplicados não chegavam para disfarçar a eventual origem.

Em 1972, nem sequer imaginava ainda o final de verão que o aguardava em Munique, Gageiro viajou até à Guiné-Bissau onde tomou contacto com os Bijagós. Nessa reportagem para o *Século Ilustrado*, recolheu imenso material fotográfico para um livro que editou quatro anos mais tarde: *Mulher*. Dessa viagem, de cerca de um mês, trouxe ainda um novo aspecto que, a par da inseparável máquina a tiracolo, viria a tornar-se noutra das suas imagens de marca: o bigode. Aderiu à moda da época e não mais se separou dele.

Muitas das fotografias que tenho não as conseguia se não andasse sempre com a máquina.

Eduardo Gageiro



Bijagós, Guiné
1962

Em 1972, entre 26 de agosto e 11 de setembro, a cidade de Munique, na Alemanha, acolheu 121 nações e cerca de 7134 atletas para a celebrarem a paz nos Jogos Olímpicos. Pelo menos, era esse o objetivo inicial, mas terminaram de maneira pouco pacífica.

Também este evento foi elucidativo de como Gageiro, mais uma vez, conseguiu superar os obstáculos que lhe foram surgindo. Um dos seus lemas é que “as dificuldades devem ser um incentivo para nos aperfeiçoarmos e atingirmos o nosso fim”. E estas começaram antes da partida. Ele gostaria muito de fazer a reportagem fotográfica dos Jogos, mas o *Século Ilustrado* não tinha apoios. Fez a proposta à Canon, sua marca de eleição, que a aceitou. Não tinha alojamento, não tinha credenciais, mas isso não o impediu de partir.

Assim que chegou a Munique entrou em contacto com a delegação portuguesa, que lhe forneceu os bilhetes para entrar. Fez a inauguração dos Jogos Olímpicos da bancada, com várias teleobjetivas, uma vez que não estava credenciado. Entretanto, através de amigos, conseguiu a credenciação e, a partir dessa altura, ficou mais tranquilo porque já podia entrar na cidade olímpica. Todas as semanas mandava material para o *Século Ilustrado*, que todas as semanas publicava uma reportagem.

A 5 de setembro deu-se a reviravolta e os Jogos Olímpicos, organizados para celebrar a paz, deram lugar a um cenário de terror, quando cinco árabes do grupo palestiano Setembro Negro invadiram a cidade olímpica, mataram dois membros da equipa de Israel e fizeram nove reféns. O espaço foi vedado à imprensa.

Gageiro não se rendeu. Foi esperando, esperando... Cerca das 23 horas teve uma ideia: reparou que a sua credencial tinha mais uma letra do que a

dos atletas; vestia blusão azul-escuro e usava saco idêntico ao dos atletas; lembrou-se de esconder as máquinas dentro do um saco; tapou a letra, infiltrou-se num grupo de atletas, e passou. Nem queria acreditar. Em seguida, dirigiu-se ao edifício onde estava instalada a delegação portuguesa, mas os elevadores encontravam-se desligados. Subiu 16 andares pelo próprio pé para fotografar.

Eu tinha uns anitos a menos, mas mesmo assim chego lá sem respirar. Muito ofegante! Passados uns minutos disse que queria ir para a varanda e para apagarem as luzes todas. Lá fui para a varanda, eles apagaram as luzes, tirei a velha Canon porque a “85mm” era muito luminosa. Dou uma velocidade de oito avos de segundo, tudo aberto. Faço três ou quatro fotografias e nem sabia o que estava ali. Falo logo para Lisboa, a dizer que fiz isto assim, assim... a luz era horrorosa e chamei a atenção que tinham que puxar muito o rolo, o que significa revelar muito bem.

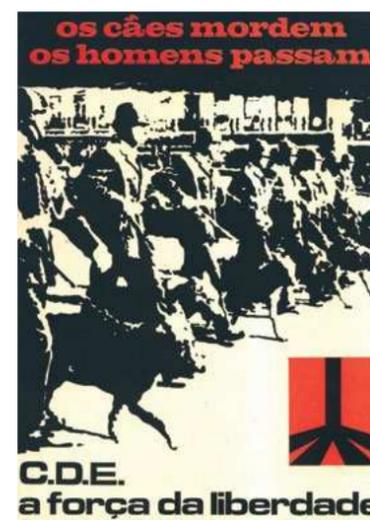
Eduardo Gageiro, 2011

Missão cumprida, foi para o centro de imprensa beber uns copos, feliz da vida, convencido que tinha uma lança em África. Contou a história e a Associated Press ofereceu-lhe duzentos e cinquenta contos pelas fotos. À época, era muito dinheiro (dava para comprar um automóvel novo). Hoje, seriam apenas mil duzentos e cinquenta euros. Dava que pensar. Contudo, o rolo já tinha sido entregue ao treinador de luta livre que o iria levar para Lisboa. Na altura, ficou tão satisfeito com a sua prestação que o dinheiro não lhe interessou. Gageiro foi o único fotógrafo a captar este acontecimento, que para a História ficou conhecido como “Setembro Negro”.

Hoje, ao lembrar os acontecimentos considera que se tivesse vendido a foto à Associated Press, ela poderia ter tido outra projeção mundial.

A par do destaque obtido enquanto fotógrafo, cujo furo de Munique representa o ponto mais alto, Gageiro continuava a colecionar prémios. Em meados de 1973, já havia conquistado vários primeiros prémios na Checoslováquia, na Áustria, em Novi Sad e Maglaj, os dois últimos na Jugoslávia. De todos, o mais notável terá sido o conquistado em Novi Sad, o Golden Eye 73 (Olho de Ouro), certame a que concorreram 49 países, dois mil fotógrafos e nove mil trabalhos. O prémio resultou da melhor coleção de dez fotografias subordinadas a vários temas. Gageiro foi ainda convidado a expor 50 trabalhos na Jugoslávia e a realizar uma reportagem fotográfica sobre este povo. E, assim, partiu para Belgrado a 9 de junho. Por essa altura, tinha já em preparação o trabalho *Mulher*.^[20]

O País estava ainda no rescaldo da primeira tentativa (frustrada) de levantamento de 16 de Março de 1974, nas Caldas da Rainha, comandada pelo major



Folheto do C.D.E. - Centro Democrático de Esquerda onde foi utilizada uma fotografia de Eduardo Gageiro



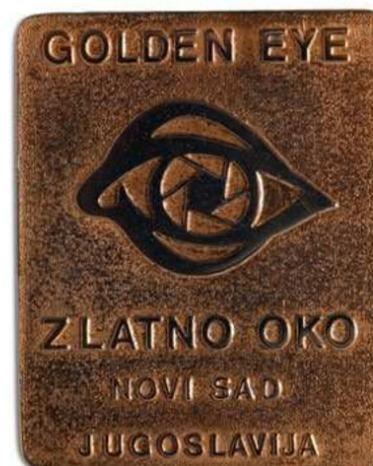
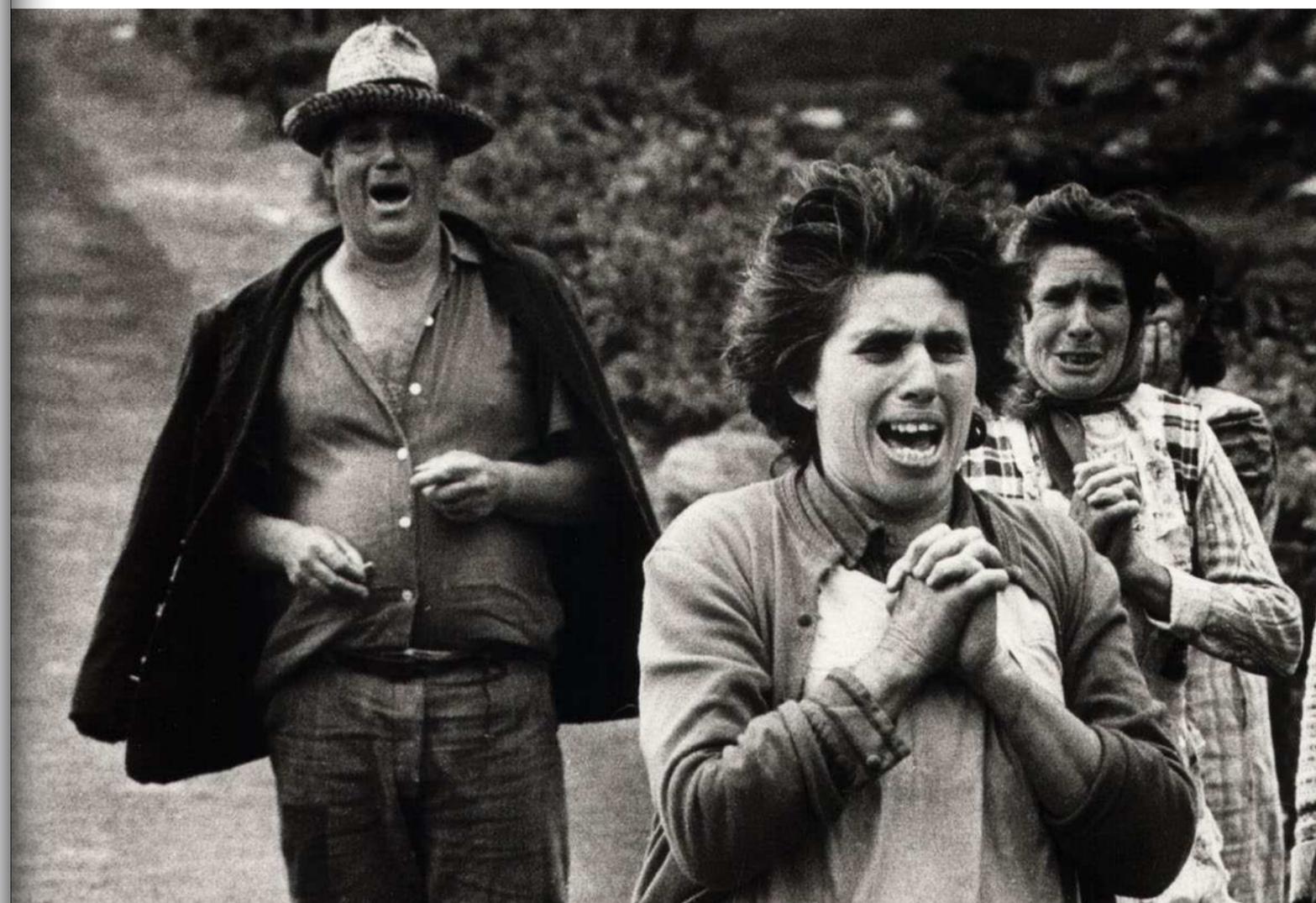
Monge, e Gageiro conquistou o Salão Internacional de Fotografia de Washington. Quatro trabalhos na área do fotojornalismo, que lhe valeram mais uma medalha de ouro, uma de bronze e uma menção honrosa. A medalha de ouro foi-lhe atribuída pelo instantâneo que captou o pânico de habitantes da ilha do Pico, nos Açores, no momento em que se fazia sentir um sismo de grau sete na escala de Richter.^[21]

Portugal estava prestes a viver um dos períodos mais importantes da sua história: a Revolução de 25 de Abril. No dia em que tudo aconteceu, à informação que lhe tinha chegado aos ouvidos, através dos seus amigos de esquerda, juntou coragem, pegou em duas máquinas e em todos os rolos que tinha, e partiu para o Terreiro do Paço. Um soldado barrou-lhe o caminho, mas ele pediu que o levasse ao comandante porque era seu amigo. Mais um truque de Gageiro porque não fazia a mínima ideia de quem seria. Ao vê-lo, o comandante Salgueiro Maia não levantou nenhuma objeção pois conhecia o fotorrepórter. A partir dessa altura, acompanhou sempre o Comandante, mesmo nas horas mais complicadas, como quando o brigadeiro Junqueira Reis deu ordem de fogo que, felizmente, não foi respeitada.

Gageiro teve assim o privilégio de poder registar os momentos decisivos, no

Recorte do *O Século* de 7 de setembro de 1972

O maior "furo" da carreira do fotojornalista
(Foto: Eduardo Gageiro)



▲ Tremor de terra na ilha do Pico
Açores, 1973
(Foto: Eduardo Gageiro)

◀ Troféu recebido no certame fotográfico
Golden Eye 73
1973

Terreiro do Paço, quando se deu a negociação entre Salgueiro Maia, do lado da Revolução, e o major Pato Anselmo, do regime.

O Jaime Neves, o Salgueiro Maia e outros oficiais propõem uma conversa com o Pato Anselmo e então avançam. A proposta do Salgueiro Maia foi:

– Senhor Brigadeiro, adere ao movimento ou rende-se?

Ele respondeu:

– Não adiro ao movimento nem me rendo. Prendam-me!

Foi um grande homem, hem?!

Eduardo Gageiro, 2011

Do Terreiro do Paço seguiram para o quartel da GNR no Largo do Carmo onde se encontravam Moreira Baptista, Marcelo Caetano e outros membros do Governo. Foi um período de grande tensão, em que foram disparados vários tiros de G3 para a fachada do quartel. Entretanto, houve uma série de negociações com os governantes do antigamente e Gageiro fez as fotografias do culminar do movimento, embora o 25 de Abril tivesse sido ganho no Terreiro do Paço, como disse Salgueiro Maia. Mas foi ali que se deu a rendição do antigo governo.

Portugal dava os seus primeiros passos em liberdade e o fotógrafo sentia-se feliz. O povo saiu à rua e o País fervilhava de acontecimentos, manifestações, reuniões, e ele era livre para registá-los sem receio de ser preso.

É devido ao registo desta sequência de acontecimentos da Revolução que muitos lhe chamam o fotógrafo do 25 de Abril. Anos mais tarde, em abril de 1986, recebeu a visita de Salgueiro Maia em sua casa. Então, tiveram oportunidade de falar sobre os acontecimentos daquele marcante dia para a vida de ambos e de Portugal. O Comandante ofereceu-lhe um tripé e deixou-lhe uma dedicatória no relatório da operação “Fim-Regime”.

No ano em que Portugal comemorava o fim da ditadura, Gageiro comemorou um segundo lugar no famoso World Press Photo, na categoria Retratos. A foto premiada retratava precisamente um dos principais intervenientes neste período da nossa história, o general Spínola, que, enquanto representante do MFA - Movimento das Forças Armadas, tinha recebido a rendição do antigo presidente do Conselho de Ministros, Marcelo Caetano, no Largo do Carmo.

Ainda o diafragma da sua objetiva mal tinha arrefecido, após o registo dos momentos quentes que antecederam a queda da ditadura, Gageiro era mais uma vez chamado para a linha da frente da nossa história: a recepção aos exilados, em Santa Apolónia. Mário Soares, líder do PS, no exílio há quatro



Salgueiro Maia

Terreiro do Paço, Lisboa

25 de Abril de 1974

(Foto: Eduardo Gageiro)



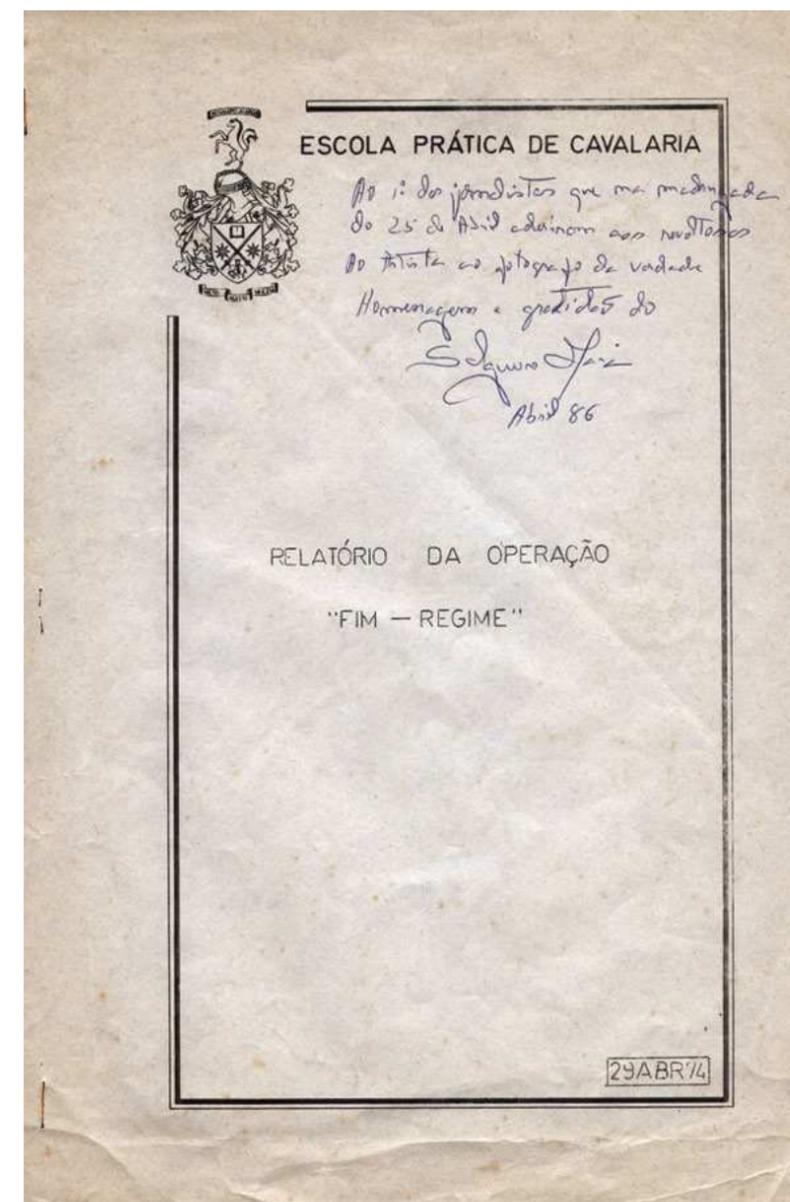
Capa do Relatório da Operação

"FIM-REGIME"

29 de abril de 1974

Dedicatória: "Ao primeiro dos jornalistas que na madrugada do 25 de Abril aderiram aos revoltosos. Ao artista ao fotógrafo da verdade.

Homenagem e gratidão do Salgueiro Maia.
Abril de 1986"



A queda da ditadura

Soldado retira a foto de Salazar no gabinete de Silva Pais, director da DGS (ex-PIDE)

Lisboa, abril de 1974

(Foto: Eduardo Gageiro)

anos, em Paris, acompanhado de Francisco Ramos da Costa e Manuel Tito de Morais, dirigentes socialistas, regressavam a Portugal três dias após o fim da ditadura. Da varanda da estação de Santa Apolónia, de megafone na mão, Soares discursou perante uma multidão exultante e o fotógrafo estava lá. Encarrapitado no parapeito, Gageiro captou o discurso e o momento em que o líder socialista levantou os braços e exibiu o “V” da vitória da liberdade. Aliás, Soares já tinha sido entrevistado pelo jornalista Adelino Tavares da Silva, também de *O Século*, que tinha entrado na composição antes de Lisboa^[22].

Em 1975, Gageiro conquistou mais um importante prémio a nível internacional: o Pravda 75. Um concurso de fotografia organizado por um jornal soviético, precisamente o *Pravda*, onde participavam mestres da fotografia de vários países. Tinha por objectivo expressar, através do fotojornalismo, aspetos da vida moderna dos trabalhadores dos anos 70: os seus anseios, as suas alegrias, as suas tristezas. O fotógrafo aproveitou a imensa recolha feita durante o período da Revolução dos Cravos e enviou a concurso fotos recolhidas entre os dias 25 de abril e 1 de maio de 1974. O *Pravda* foi o principal jornal da União Soviética e o órgão oficial do Comitê Central do Partido Comunista, entre 1918 e 1991. Entre os vários temas a concurso, Gageiro concorreu na categoria “Em Nome da Paz e do Progresso” tendo ganho o prémio destinado aos concorrentes estrangeiros: uma estadia de 15 dias na União Soviética. Estiveram a concurso cerca de oito mil fotos.^[23]

Mas nem tudo nesse ano foram rosas. Durante a cobertura de uma manifestação do MRPP, em Caxias, Gageiro foi vítima de violência no exercício da sua profissão. Os manifestantes exigiam a libertação do seu líder histórico, Arnaldo Matos, preso em 28 de maio de 1975. Encontrava-se a fotografar a manifestação quando um grupo se acercou dele. Chamaram-lhe social-fascista^[24], deitaram-no ao chão, pontapearam-no, destruíram-lhe a máquina. Quando se recompôs, achou-se vítima de uma tremenda injustiça, um ato de cobardia, e ainda desafiou os agressores a virem um a um. Estava de cabeça perdida. Nunca pensou que tal lhe pudesse acontecer no seu próprio país após a conquista da liberdade.

Em maio do ano seguinte, Gageiro editou o seu segundo livro, *Mulher*, onde podemos ver mulheres de diversos continentes e condições, algumas célebres, quase todas anónimas. Aristocracia europeia ao lado das rainhas do Sado, festas de milionários e de camponesas. O autor sentia-se livre para contrapor as desigualdades sociais.

Na sua vida profissional as coisas não estavam a correr de feição, uma vez que *O Século* vinha padecendo de vários problemas. A conjuntura econó-



Chegámos, finalmente, a Lisboa. Surpresa máxima! Recebeu-nos uma massa de gente que extravasava da estação e enchia a praça fronteiria. Gritos de “Viva o MFA!”, “Viva o Socialismo!”, “Vivam os exilados!”.

Mário Soares, 2011

► **O General Spínola**

Mafra

Segundo lugar na categoria Retratos, no World Press Photo de 1974

(Foto: Eduardo Gageiro)





Chegada de Mário Soares após o exílio
Estação de Santa Apolónia, Lisboa
28 de abril de 1974
(Foto: Eduardo Gageiro)

Jornal *República* de 29 de abril de 1974
Foto pequena: Eduardo Gageiro, à esquerda,
na varanda da estação de Santa Apolónia,
Lisboa
(Autor não identificado)

Chegada de Mário Soares após o exílio
Eduardo Gageiro, à esquerda, na varanda
da estação de Santa Apolónia.

Lisboa, 28 de abril de 1974
(Autor não identificado)





01



02



03

01 e 02. Gageiro conheceu Irene Delie antes da revolução.

Era peixeira no mercado de Alcântara.

Após a Revolução, Gageiro encontrava Irene Delie nas manifestações comemorativas dessa data.

[Foto: Eduardo Gageiro]

03. Eduardo Gageiro na Praça Vermelha, Moscovo.

1975



Gageiro agredido durante manifestação em Caxias

Maio de 1975

[Autor não identificado]



Manifestação do PCTP/MRPP.

Ao centro, Durão Barroso

[1975?]

[Foto: Eduardo Gageiro]

mica difícil, a inflação, o aumento dos custos com as matérias-primas e o pessoal, agravaram a situação após o 25 de Abril. No início de 1975, as lutas ideológicas e partidárias na empresa conduziram à expulsão dos administradores. Entre finais desse ano e julho de 1976, perante a situação deficitária da imprensa dependente do Estado, disposições legais estatizaram a imprensa e nacionalizaram as posições privadas. Assim, *O Século* foi integrado numa empresa pública, juntamente com o *Diário Popular*, devido à fusão das sociedades gestoras dos dois jornais: a Sociedade Nacional de Tipografia e a Sociedade Nacional de Imprensa. No entanto, a pesada herança e a situação financeira conduziram ao seu encerramento, em finais de 1979. A Empresa Pública Jornal O Século e Popular foi extinta pelo Decreto-Lei n.º 162/79, de 29 de dezembro^[25].

Consciente da situação, em Setembro de 1977 Gageiro escreveu uma carta a Mário Soares, primeiro-ministro e ministro dos Negócios Estrangeiros do I Governo Constitucional, na esperança de ser encontrada uma solução para o periódico. Infelizmente de nada serviu dadas as implicações existentes. Seguiu-se o desemprego. Sentiu-se desorientado e traumatizado por ver fechar o jornal onde tinha trabalhado desde 1963.

Entretanto, em 1978, Gageiro juntou mais um prémio internacional à sua já vasta coleção de galardões, ao conquistar o Grande Prémio de Fotografia da Associação Soviética de Amizade e Relações Culturais entre os Povos. Eleito entre 1600 fotógrafos de 46 países e 4500 trabalhos, subordinados ao tema «A Paz e o Progresso Social», concorreu com seis fotografias registadas entre 25 de abril e 1 de maio de 1974. Ganhou assim a segunda viagem à União Soviética, tal como na sequência do Pravda 75.^[26] Na sua terra natal, em conjunto com as artistas Irene Cruz e Henriqueta Maia, também naturais de Sacavém, foi homenageado pelo Sport Grupo Sacavenense.

No decorrer desse ano, Armando Jorge, diretor artístico da Companhia Nacional de Bailado, convidou Gageiro para fotógrafo da Companhia. Foram precisos dois anos para aprender a técnica, porque o bailado é uma das coisas mais difíceis de fotografar. Com a ajuda do diretor, aprendeu que existem movimentos corretos e incorretos e que um movimento não pode ser fotografado a meio. Tem de ser no princípio ou no fim. É uma manifestação artística com movimentos rigorosos.

A certa altura estava tão farto de fotografar bailado que decidi fazer uma experiência. Sabia quando as figuras estavam paradas um segundo ou dois, punha a máquina em pose num tripé e ficavam todos em movimento.

Eduardo Gageiro, 1996

[*Público Magazine*, 24 de março de 1996]

Em outubro de 1979, nova distinção: o grande prêmio da VII Exposição Internacional de Fotografia de Berlim Oriental, com uma seleção intitulada «O 25 de Abril de 1974 – Dia da Liberdade». Gageiro conquistou o «Diploma da Paz» da fotografia.^[27] O magnífico registo que fizera da Revolução dos Cravos continuava a dar-lhe muitas alegrias. Enquanto isso, o livro sobre o Alentejo estava já em preparação.

Ainda no decorrer desse ano, participou na elaboração do livro *Estas Crianças Daqui*, uma edição especial para comemorar o Ano Internacional da Criança, com textos de Maria Rosa Colaço, desenhos e orientação gráfica de Tossan.

Já com livros editados, múltiplos prêmios conquistados e exposições individuais e coletivas, em Portugal e no estrangeiro, provas dadas na atividade de imprensa, Gageiro foi acumulando prestígio e começou a ser chamado, já não para concorrer, mas para avaliar a prestação de outros candidatos. Em janeiro de 1981, participou no grande júri do Concurso Internacional de Fotografia de Novisad, na Jugoslávia, certame bienal que já tinha conquistado por duas vezes, em 1973 e em 1979: o Golden Eye (Olho de Ouro).^[28]

Durante a década de 80, a par da sua atividade fotojornalística institucional, colaborando com a Presidência e a Assembleia da República, Gageiro passou por vários órgãos de imprensa sempre ligado ao fotojornalismo, no qualsempre se destacou pela ousadia e originalidade e por uma abordagem diferente na forma de fazer fotorreportagem. *Match Magazine*, enquanto chefe de reportagem fotográfica, *Grande Reportagem*, enquanto fotógrafo, e, finalmente, a revista *Sábado*, como editor fotográfico. Nesta última, foi convidado pelo seu amigo Joaquim Letria, por intermédio do qual recebeu o convite para acompanhar a presidência de Eanes. Amizade à parte, Joaquim Letria conhecia as qualidades do fotojornalista.

Ele [...] faz parte do grupo de fotógrafos que nunca secundarizou a foto-reportagem, e, se pretendêssemos antologiar a sua obra, seria preciso vir recolher a este domínio algumas das suas melhores imagens.

IC (revista *Sábado*)

Em 1981, Ramalho Eanes concorreu pela segunda vez às eleições presidenciais e saiu vencedor. A 14 de janeiro de 1982, o General tomou posse para o segundo mandato. No decorrer de uma viagem presidencial à Tanzânia, Joaquim Letria, assessor de Ramalho Eanes, convidou-o para fotógrafo oficial da Presidência da República. Gageiro aceitou e o Presidente veio agradecer-lhe pessoalmente. Este tipo de colaboração institucional já não era novidade para o fotojornalista, uma vez que já vinha colaborando com a Assembleia da República.



Companhia Nacional de Bailado

(Foto: Eduardo Gageiro)

Apesar de ser já muito viajado, este cargo permitiu-lhe visitar países onde nunca pensou ser possível ir e conhecer muitas personalidades que ocuparam cargos importantes na História.

China, Bélgica, Áustria, Moçambique, Zâmbia, Canadá, Grécia, Egito, França, Estados Unidos da América, Macau, Jugoslávia, São Tomé e Príncipe, foram alguns dos destinos dessas viagens. Na sequência da visita à Bélgica e à Áustria, foi agraciado pelo rei Balduino, bem como pelo Presidente austríaco, pelos serviços prestados àqueles países.

Nessas muitas deslocações, chegou a viver situações algo caricatas também devido à sua ousadia. Numa delas, quando visitou o palácio de Mubarak, antigo Presidente do Egito, descalçou-se para subir a uma cadeira forrada a veludo grená, para tirar uma foto, e quando o General o chamou, dirigiu-se-lhe prontamente, mas sem os sapatos. Logo alguém lhe recordou, em jeito de piada, que não estava numa mesquita.^[29]

Gostou de trabalhar com o General porque sempre tratou os seus colaboradores como membros da família. Em 1985, acompanhou o Presidente numas curtas férias na Arrábida, onde registou alguns momentos de convívio familiar, como os passeios a cavalo com os filhos Manuel e Miguel, e um algo insólito de Ramalho Eanes a praticar *windsurf*.

Mas, o trabalho como fotógrafo oficial da Presidência da República não lhe deixava tempo livre para fazer os seus livros, e apesar de gratificante, quando o General deixou a Presidência Gageiro saiu também.

A 16 de fevereiro de 1986, Mário Soares foi eleito, à segunda volta, Presidente da República, e Gageiro ainda o acompanhou numa viagem à Grécia, em dezembro de 1988.

Nesse ano decidiu editar um livro sobre o Alentejo. O general Ramalho Eanes sugeriu-lhe que convidasse Miguel Torga para escrever o prefácio e estabeleceu o primeiro contacto com o poeta. Este aceitou em troca de cem contos (500 euros). Gageiro pagou. Mais tarde haveria de fotografá-lo, na sua casa... em meias.

Corria o mês de junho de 1991, integrou o júri de mais um importante concurso internacional, a XXI Bienal da Federação Internacional de Arte Fotográfica (FIAP), a decorrer na cidade de Victória, em Espanha. Gageiro era detentor da distinção «E-FIAP – Excellence FIAP» desde março de 1964. ^[30]Gageiro foi ainda convidado para integrar o projeto «Doze Fotógrafos da CEE», uma importante exposição em França, na cidade de Rambouillet, organizada pelo Photo Club MJC local, onde expôs 30 dos seus trabalhos mais premiados. A mostra realizou-se entre 2 e 24 de novembro, integrada na



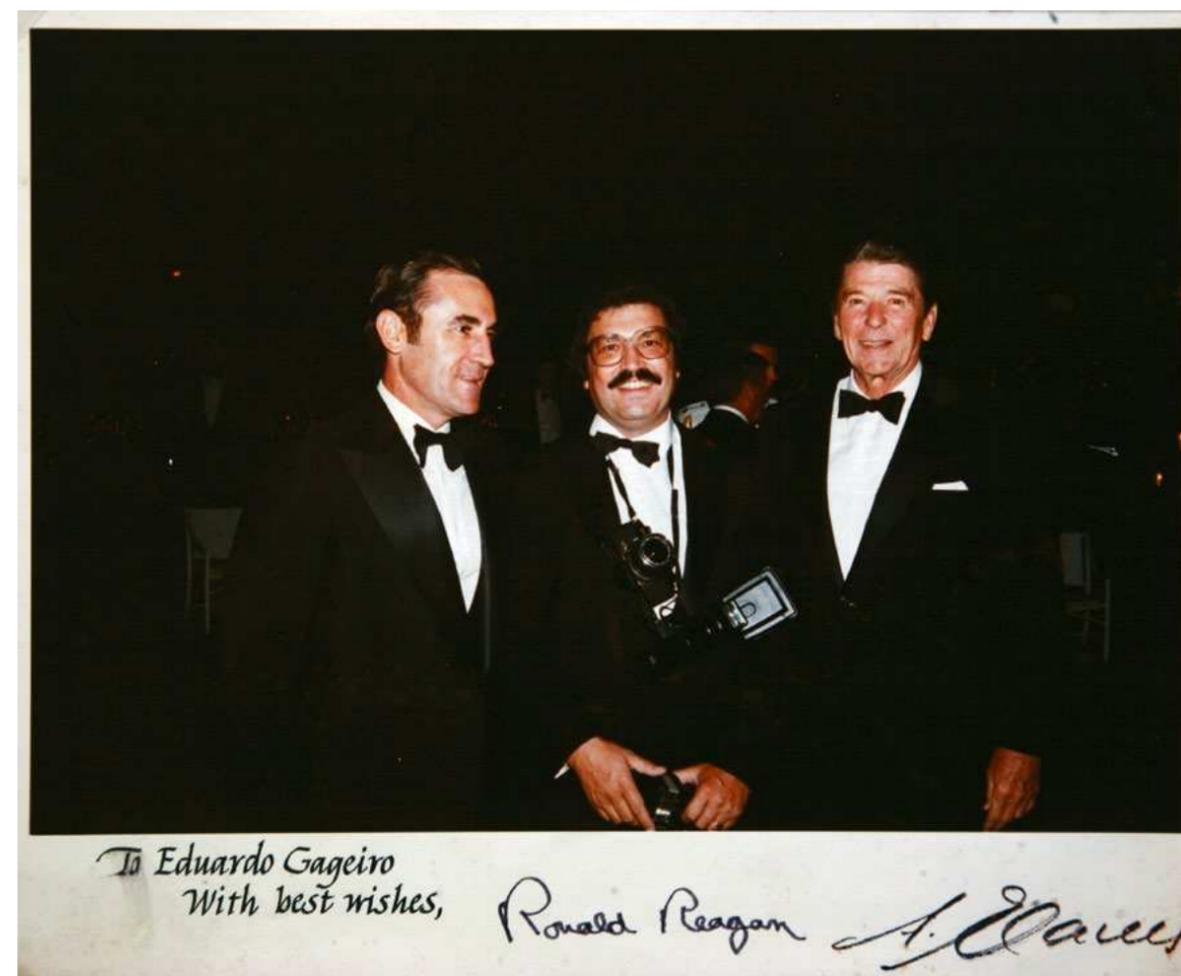
Na ocasião, tive então de constatar quão ricas eram as suas aptidões, as qualidades de temperamento de Eduardo Gageiro, nomeadamente: argúcia, inteligência, capacidade de trabalho, honestidade e, ainda, aquilo que era a sua grande paixão, a fotografia.

António Ramalho Eanes, 2012



Tenho uma recordação muito interessante: a primeira vez que o nosso filho (a primeira e a única) mais novo, tinha uns seis ou sete anos, nos acompanhou numa visita oficial à China, o Gageiro adotou-o. Emprestou-lhe uma máquina e ele ficou muito orgulhoso. Durante toda a viagem, o Miguel andava com o Gageiro, no grupo dos fotógrafos, a fazer as suas reportagens.

Manuela Eanes, 2012



▲
Visita à Casa Branca, Washington, Estados Unidos
15 de setembro de 1983

◀
47.º Aniversário de Eduardo Gageiro, fotógrafo oficial, na companhia do então Presidente da República, Ramalho Eanes, e de Manuela Eanes
1982

iniciativa «Mois de la Photo» (trad. Mês da Foto), distribuída por várias salas e pelas vitrinas de lojas das principais ruas de Rambouillet.^[31] Por essa altura Gageiro era já membro das principais associações fotográficas internacionais – Áustria, Jugoslávia, Checoslováquia, Suíça, União Soviética – e tinha trabalhos seus integrados nas coleções do Museu Nacional de Traun (Áustria), do Museu de Seattle (USA) e do Museu Agfa-Gevaert (Antuérpia, Bélgica). Em termos profissionais, colaborava na revista *Sábado*, como editor fotográfico, desde abril de 1988.

Em 1995, com o intuito de retratar pessoas que tiveram importância em Portugal, editou *Revelações*, livro com texto de Mário Soares e Nuno Brederode Santos. Nele compilou 69 retratos de algumas das mais marcantes individualidades da vida portuguesa das últimas décadas, fotografadas em situações fora do habitual. Todas as personalidades foram fotografadas sem *décor*, sem maquilhagem e sobre fundo negro. Todas acederam em deixar-se fotografar em contexto inusitado, mas ao mesmo tempo revelador. Para esta obra recorreu à encenação, técnica pouco habitual no fotógrafo. Cada fotografia deveria ser reveladora da personalidade do fotografado. No fundo, a encenação apostou num valor performativo negando o instantâneo da fotografia.

Por baixo de cada foto está indicado o nome, o local, a data e a hora em que foi tirada. Porque não é indiferente saber-se que a Amália foi fotografada à 1h30 da madrugada, em sua casa, e que Belmiro de Azevedo o fez pelas 8 horas da manhã, após praticar *squash*.

Gageiro levou dois anos a concretizar este projecto. No fim, dedicou-o ao seu filho: “Ao Rui Gageiro, fotógrafo e bom profissional de quem naturalmente me orgulho, sem cujo trabalho empenhado, não teria sido possível este livro.”

As sessões fotográficas foram quase todas feitas nos lugares escolhidos pelos retratados, o que fez com que as pessoas se sentissem mais descontraídas e menos intimidadas.

Nas eleições para a Presidência da República realizadas a 14 de janeiro de 1996, Jorge Sampaio foi eleito à primeira volta, tendo sido investido no cargo de Presidente a 9 de março. Na altura de escolher o fotógrafo para realizar a sua fotografia oficial, Jorge Sampaio não hesitou em escolhê-lo, apesar de ter outras ofertas e sugestões. Já havia sido fotografado para o *Revelações* cumprindo o velho sonho de ser maestro. O Presidente foi captado em plano americano, na confluência do Salão Vermelho com o Verde e com o conjunto das cores dos três cortinados a projetar as cores da bandeira nacional. Eduardo usou uma longa focal para conseguir o efeito cinematográfico, com o primeiro plano nítido e o segundo desfocado.^[32]

Nesse ano, Gageiro foi convidado a integrar um grupo de fotógrafos interna-



António Ramalho Eanes,
Presidente da República, de férias
na Arrábida
1985
(Foto: Eduardo Gageiro)

cionais para participar num concurso fotográfico no Iraque, naquilo que entendeu como uma espécie de manobra de *marketing* por parte do Governo iraquiano. Era o VI Festival Internacional de Fotografia de Bagdad, evento a que concorreu com os seus clássicos e em que conquistou três prémios de ouro, um de prata e outro de bronze.

Durante a estadia, além dos passeios organizados, teve a possibilidade de andar pelas ruas de Bagdade sem nunca sentir que estava a ser seguido. A capital tinha zonas de lazer e hotéis fantásticos. Na baixa, viu as melhores lojas de moda do mundo, como em Paris ou Nova Iorque. Mas era um país que parecia ter parado. Um país amordaçado pelo embargo americano onde foi a população quem pagou as consequências. Faltava comida nesses grandes hotéis e faltava comida às pessoas em geral. A maioria do parque automóvel não poderia circular em estradas europeias, tal o estado de degradação. Apesar de não gostar de ditaduras, não podia aceitar o que estava a ser feito ao povo iraquiano sendo que o único interesse era o petróleo. Num hospital pediátrico, nem sequer havia soro, medicamentos, ou agulhas para os administrar. Registou tudo quanto pôde. A *Visão* publicou as imagens impressionantes do sofrimento das crianças, das mães, numa sociedade dominada pelo culto da personalidade^[33] de Saddam. E foi num desses instantes que Gageiro registou uma das suas mais belas fotografias. Ao encaminhar-se para a saída do hospital, deparou-se com uma menina de olhos tão doces que não resistiu a fotografá-la: *A menina de Bagdad*. Uma fotografia que convidava à reflexão. Mais uma vez, Gageiro foi vítima de um olhar. Em 1968, o olhar de Elsa tinham prendido a sua atenção tornando-o refém de um sentimento de incerteza, sobre a legitimidade do seu gesto, quando premia o botão da máquina.

Ela olhou para mim, assim, com aqueles olhos... fiquei hipnotizado!

Eduardo Gageiro, 2012

Em 1984, outro famoso fotógrafo, Steve McCurry, fotografou uma adolescente afegã – Sharbat Gula – para a National Geographic, cujos olhos, de um verde iridescente, contavam o sofrimento dos afegãos que fugiam das tropas soviéticas para campos de refugiados no Paquistão. Em 2002, o mesmo fotógrafo voltou ao Afeganistão e encontrou-a, provavelmente movido pelo mesmo sentimento que moveu Gageiro a querer saber de Elsa. Mas há uma grande diferença entre a história de Sharbat Gula e a de Elsa: é que a foto da jovem afegã não mudou a sua vida.

Em 1998, Eduardo Gageiro ganhou a medalha de ouro no Festival Mundial de Rovigno, na Croácia. A foto premiada foi, precisamente, *A menina de Bagdad*. A essa importante mostra concorreram 4792 fotografias, de 1092 fotógrafos, de 68 países.^[34]

**Menina de Bagdad**

Iraque, 1996

(Foto: Eduardo Gageiro)

Para este certame Gageiro escolheu uma fotografia que o tinha marcado e que, segundo ele, condensava tudo o que tinha apreendido no caso iraquiano. Esta participação funcionou como uma forma de denunciar uma situação que considerou injusta. Este constitui um dos motivos por que sempre gostou de participar em concursos internacionais: denunciar situações injustas.

No Salão Fotográfico de Londres conquistou a medalha de honra com a foto de uma mãe bijagó que segurava o filho nos braços, momento registado 26 anos antes na Guiné-Bissau. A foto tem o título *Love Power* (trad. Poder do Amor).^[25]

Em 1999, foi editado um livro de José-Augusto França sobre a história do Palácio de São Bento em que as fotografias são de Eduardo Gageiro. Pouco depois, deixou de ser fotógrafo oficial da Assembleia da República. Assim, ficava-lhe mais tempo para se dedicar aos seus projectos: a edição de livros. Na viragem para um novo século, era tempo de o fotógrafo ceder lugar ao fotógrafo-editor. Gageiro podia entregar-se aos livros, contando histórias sob a forma de longas-metragens. A inspiração foi buscá-la aos filmes do neorealismo italiano, que via na Academia Recreativa de Sacavém, da qual ainda é sócio, e também ao diretor de fotografia mexicano Gabriel Figueroa.

Com mais tempo livre, pôde dedicar-se à composição do seu livro *Olhares*, 1951-1998. Mais uma vez, foi o seu amigo José Araújo o responsável pelo arranjo gráfico. Tanto o prefácio como as epígrafes dos capítulos são da autoria de António Lobo Antunes. É um livro que tem uma grande dimensão internacional, uma vez que é composto por fotos de muitos países.



Sharbat Gula, a afegã fotografada em 1984 e em 2002.

Grande Reportagem, n.º 133, Ano XII, 2.ª Série, Abril de 2002

(Fotos: Steve McCurry e Steve McCurry/
National Geographic)

Para mim é um dos livros de que eu mais gosto.

Eduardo Gageiro, 2012

Timor-2000. Mais uma fotorreportagem para a revista *Visão*. Gageiro fez os necessários preparativos. Fez-se acompanhar de missivas de recomendação assinadas por altas individualidades institucionais portuguesas. Queria entrar em Timor com a credibilidade que lhe permitisse ser bem aceite e fazer o melhor trabalho possível. Ana Gomes deu uma preciosa ajuda: apresentou-o a Xanana Gusmão, frisando que podia confiar nele; era como se fosse um irmão. Ana Gomes, hoje eurodeputada, foi chefe de missão e embaixadora em Jacarta, entre 1999 e 2003, e acompanhou o processo de independência de Timor-Leste e de restabelecimento das relações diplomáticas luso-indonésias. Estavam reunidas as condições.

Percorreu Timor de uma ponta a outra, com grandes riscos mas com grande prazer e as coisas correram bem. Houve momentos em que sentiu receio pela própria vida. Era uma altura ainda muito conflituosa, a seguir ao



A Luta

Década de 50, século xx.

Eduardo, inspirado nos filmes do neorealismo italiano, que via na Academia Recreativa de Sacavém, pediu ao maior reguila da zona, o Zé Soneca, e a outro amigo, para os fotografar. Os dois rapazes fincaram os pés na terra, comprimiram as facas até as veias dos braços ficarem salientes e Gageiro, agachado nas ervas, disparou

(Foto: Eduardo Gageiro)



Ergue-te e caminha em busca da tua libertação. Luta para seres livre do bárbaro jugo do esfomeado gigante, que te quer beber o sangue, que te quer espezinhar e exterminar. Luta para que voltes a ser senhor da tua riqueza, do teu paterno ninho, do teu próprio destino...

Xanana Gusmão



Mais do que rugas, risos, gestos e esgares, as fotografias do Eduardo captam almas e estados de alma.

Ana Gomes, 2000

referendo de agosto de 1999, que expressou a vontade maioritária do povo timorense à sua autodeterminação. Mas embrenhou-se no meio da população e conseguiu registar a “intimidade” do povo de Timor na luta diária pela subsistência. Viajou nos velhos coloridos furgões, que faziam as vezes de autocarros, a caminho do mercado. Em Díli, fotografou um homem que acorreu ao mercado com a única coisa que tinha para vender: um pintainho. Gageiro tentou ajudá-lo oferecendo-lhe dinheiro, mas este recusou, num ato de grande dignidade, apesar da pobreza evidente.

Registou o desespero de um grupo de funcionários públicos tentando receber um mês de vencimento que a missão portuguesa se propunha oferecer, a destruição nas ruas de Díli e os soldados das Falintil a quem nem sempre era fácil arrancar um sorriso.^[36] Posou ao lado de Xanana, rodeados por guerrilheiros, e registou um momento de intimidade do casal Gusmão.

Desta sua visita resultou um conjunto significativo de fotografias que Gageiro condensou num livro: *Timor no Amanhecer da Esperança*. Como não podia deixar de ser, Gageiro entregou o texto de apresentação a Ana Gomes, sua embaixadora naquela viagem. Editada em 2000, a obra conta ainda com poemas de Manuel Alegre, Ruy Cinatti, Sophia de Mello Breyner, Vasco Graça Moura e do próprio Xanana Gusmão.

Embora não lhe fosse ainda prestada homenagem, Eduardo Gageiro nunca foi esquecido na terra que o viu nascer. Exposições, momentos solenes, são vários os momentos em que o seu trabalho e o seu papel de porta-estandarte local foram recordados. No ano de 2002, o Município de Loures atribuiu-lhe a Medalha Municipal de Honra, distinção atribuída aos munícipes mais ilustres.

Em maio de 2003, Gageiro foi uma vez mais convidado a integrar um grupo de 12 fotógrafos europeus, numa exposição intitulada «European Visions of Egypt» (trad. Egípto visto por europeus), inaugurada no Cairo e, posteriormente, patente na Biblioteca de Alexandria. Apesar de ser um artista do preto e branco, Gageiro abriu mais uma exceção^[37] e trabalhou com cor, destacando as magníficas tonalidades daquele país da margem sul do Mediterrâneo. A opção pela cor não o foi verdadeiramente. As fotos do Egípto que apresentou na exposição haviam sido tiradas anos antes durante uma visita oficial com Ramalho Eanes. Nos breves intervalos das suas obrigações de fotógrafo oficial, aproveitava para fazer o trabalho de que tanto gostava, fugindo assim à rotina do bate-chapa. Enquanto fotógrafo oficial, Gageiro só usava rolo a cor e foi munido desta película que fez as suas incursões pelo quotidiano do povo egípcio. Gostou imenso de visitar o Egito pela riqueza histórica da região.

Em 2003, saiu do prelo mais uma obra, *Lisboa no Cais da Memória 1957-1974*, com textos de Jorge Sampaio (Presidente da República à data da



▲
Gageiro e Xanana Gusmão entre
soldados das Falintil
Timor, 2000

◀
Mercado de Díli, Timor
2000
[Foto: Eduardo Gageiro]



Gageiro a fotografar o casal Gusmão

Timor, 2000



Um grande profissional, um grande homem, um grande carácter, um homem sempre na disposição de ajudar, gosta de Sacavém, é sacavenense, e, portanto, é sempre um gosto imenso, um orgulho muito grande, ter um companheiro da nossa cidade, homem de grande prestígio, de grandes prémios de todo o mundo.

José Albuquerque, 2011

edição) e António Valdemar. É um livro a preto e branco em que as trezentas imagens que o compõem têm uma sequência cinematográfica, através da qual o autor quis contar uma história (aliás, como em todos os seus livros), que retratasse os quotidianos da cidade de Lisboa entre os anos de 1957 e 1974. As imagens foram organizadas por situações e não por datas, agrupadas em capítulos e, para cada um, Gageiro escolheu um poema de autor português. Os temas interligam-se com retratos e situações semelhantes, passadas em épocas diferentes. Nessa obra, o autor quis mostrar como a cidade mudou.

A obra demorou cerca de sete anos a coordenar e, além de grandes momentos da História, também podemos contemplar retratos de pessoas simples, barbeiros, engraxadores, mulheres e crianças, os quotidianos.

Com tantos prémios, tantas exposições individuais e colectivas, tantas referências e homenagens pontuais, Gageiro via o seu nome associado a um número já quase incomensurável de eventos e efemérides. Mas o país que o viu crescer enquanto fotojornalista e artista da fotografia haveria de lhe reconhecer definitivamente o mérito agraciando-o com uma das mais altas distinções que se podem conceder a um cidadão português: o grau de Comendador da Ordem do Infante D. Henrique. Esta Ordem «[...] destina-se a distinguir quem houver prestado serviços relevantes a Portugal, no País e no estrangeiro, assim como serviços na expansão da cultura portuguesa ou para conhecimento de Portugal, da sua História e dos seus valores»^[38]. A comenda foi-lhe entregue pelo Presidente da República, Jorge Sampaio, em Bragança, nas comemorações do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas, a 10 de junho de 2004.

Com mais um livro editado e já a pensar noutra, Gageiro fez mais uma viagem a juntar às muitas inscritas no seu passaporte. O destino foi Israel. O ano: 2005.

Em Jerusalém, esteve para ser preso por duas vezes. A primeira, quando soldados israelitas mandaram despir um palestino que vestia *t-shirt* e calções. Pareceu-lhe um simples ato de humilhação que não podia deixar de registar, mas foi de imediato impedido. No último dia antes do regresso, uma sexta-feira, dia de oração dos muçulmanos, deslocou-se à chamada Esplanada das Mesquitas, lugar sagrado para judeus e muçulmanos, onde já estivera a fotografar. Porém, nesse dia os polícias israelitas impediram-no sempre de entrar, alegando ser só para árabes, apesar de se ter identificado como fotojornalista. Depois de uma troca de palavras, resolveu armar-se em esperto: foi a uma loja, comprou um dos típicos panos que os árabes usam na cabeça e tentou entrar por outra porta, fazendo-se passar por um dos locais.



Gageiro no Cairo, Egito
2003

Mas, desta vez, de nada adiantou servir-se de expedientes. Os polícias foram irreduzíveis e barraram o acesso. Irritado, ainda se identificou como jornalista e português. Procurou uma terceira entrada onde estava uma bela mas não menos agressiva agente da autoridade. Uma muito acesa troca de palavras com ela e alguns colegas, em que Gageiro usou de algum vernáculo português, incompreensível mas perceptível, e foi então que lhe deram ordem de prisão. Por sorte, e porque Gageiro exibiu uma carta da embaixada, o comandante evitou a prisão, pediu desculpa pela situação, mas a entrada não seria possível nesse dia. Pediu-lhe que voltasse no dia seguinte. Gageiro desistiu.

Eu já estive em 70 países, já fotografei 70 países, nunca tive problemas. Já tive em países que tinham ditaduras: Cuba, União Soviética, Iraque, China, em África, e não tive problemas em fotografar.

Eduardo Gageiro

Foi para o hotel e combinou com um intérprete que, à tarde, iriam a outros locais. Mas este não o levou. A um deles, ao muro da divisão, argumentou que era tarde. E quando Gageiro pediu para o levar ao colégio anglicano, na Catedral de São Jorge, recebeu um contundente "não!". Queria fotografar Mordechai Vanunu (John Crossman, após a conversão ao cristianismo em 1986) um técnico nuclear que em 1986, divulgou informações do programa nuclear de Israel numa entrevista ao jornal londrino *The Sunday Times*. Após 18 anos de prisão em Israel, acusado de traição e espionagem, encontrou refúgio na catedral anglicana, apesar da constante perseguição pelas autoridades israelitas. Perante a recusa do intérprete, Gageiro decidiu chamar um táxi, mas o motorista, ao saber o destino, também se recusou



Entrega da Comenda da Ordem
do Infante D. Henrique
Bragança, 2004

Com a sensibilidade que só os artistas possuem, o olhar de Gageiro, sempre alerta, captou figuras, rostos, acontecimentos, situações, recantos. E até segredos, sentimentos, desejos, indignações, pretextos. Numa palavra, captou a vida, o tempo e a alma da cidade.

Jorge Sampaio, 2003

alegando que não queria ser preso. De todas as viagens, e foram muitas, talvez tenha sido a que mais o marcou pela negativa. Uma experiência que não quer repetir.

Já a viagem à China, a segunda, porque a primeira fora com Ramalho Eanes, deixou-lhe impressões bem diferentes. Gostou muito desse país porque, apesar de ser uma ditadura não se notou muito. Gostou do asseio e da organização. Ninguém deitava beatas ou papéis para o chão. Deslocou-se à China para participar na 11.ª Exposição Internacional de Fotografia Artística da China, em Lishui – 2005. Com a fotografia intitulada *Poluição*, Gageiro ganhou o primeiro prémio do certame, a Medalha de Ouro para a Melhor Fotografia e a Medalha de Ouro para a Melhor Fotografia a Preto e Branco na categoria Vida Social e Costumes Populares.^[39] Tratava-se talvez do maior certame mundial de fotografia, que Gageiro dominou com uma imagem recolhida 26 anos antes no Barreiro.

Idêntico prazer de viajar sentiu quando visitou a Índia, no ano seguinte, o país de que mais gostou do ponto de vista fotográfico. Gostou também da cordialidade do povo indiano, mas ficou sensibilizado com as assimetrias sociais. A Índia surgiu quando decidiu fazer o livro sobre religiões e pareceu-lhe fundamental visitar e registar os locais sagrados e os rituais daquele país, em especial Varanasi, uma das mais sagradas e místicas cidades. A Embaixada da Índia em Portugal deu-lhe apoio, mas a vastidão indiana não lhe permitiu ficar mais que um dia e meio em cada lugar.

Mais uma viagem que o inspirou para um novo projeto: fazer um livro sobre religiões. O que não deixa de ser curioso uma vez que se assume como um não crente. Editado em 2006, *Fé – Olhares sobre o Sagrado*, com arranjo gráfico de José Araújo e texto de José Mattoso, reúne fotografias de diferentes cultos religiosos de diferentes países. Dedicou esta obra ao diplomata António Inocêncio Pereira, uma vez que foi ele quem, em 2003, durante a viagem ao Cairo, lhe sugeriu a ideia.

Esta obra deu lugar a uma exposição com o mesmo título no palácio dos Marqueses da Praia e Monforte, em Loures, entre abril e junho de 2007.

Outra viagem à China e mais um prémio para o fotógrafo português, no mesmo concurso em que havia conseguido um brilharete dois anos antes, ao arrebatar o prémio máximo. Desta vez, em 2007, Gageiro trouxe para casa três distinções, em três categorias. Volvidos tantos anos, a sua *A Boneca* ainda lhe dava uma medalha de prata. Foi ainda convidado a expor no Museu Mundial de Arte de Pequim, onde se fez uma retrospectiva do seu trabalho com 222 fotos. Em reação à Agência Lusa Gageiro soltou um desabafo: «Posso morrer amanhã que morro feliz.»^[40]

E, mais uma vez, teve razões para sorrir com a atribuição do troféu Gazeta de Mérito pela carreira de mais de 50 anos de dedicação ao fotojornalismo.



Poluição

Barreiro, Portugal

1979

A perspectiva da morte inspirou-o para a concretização de mais um projeto, a que chamou *Silêncios*. O livro foi editado em 2008 e, de novo, Gageiro recorreu ao seu velho amigo e profissional de confiança, José Araújo, para o arranjo gráfico. O texto é de Lídia Jorge. É um livro muito importante para o autor. Foi feito num período complicado da sua vida. Fora-lhe diagnosticado um linfoma e como pensou que morreria em breve decidiu fazer um livro a sêpia como se de um livro de recordações se tratasse, em jeito de despedida.

Como todos os outros, é uma obra que tem uma sequência cinematográfica que, neste caso, acabava na morte, no cemitério. Após tratamento de choque no Instituto Português de Oncologia, o diagnóstico foi mais esperançoso e resolveu alterar o final. A seguir às fotografias de cemitérios surgem as escadas para o Céu, apesar de não acreditar em vida para além da morte. No fundo, é uma fotografia de esperança. Esta edição foi traduzida em inglês por Clive Gilbert, último proprietário da Fábrica da Loiça de Sacavém.

Em agosto de 2011, a Câmara Municipal de Loures lançou-lhe o convite e o repto para se lhe fazer a Homenagem. Eduardo Gageiro concordou de imediato e predisôs-se a colaborar com o Município e, em especial, com a equipa de investigação. A partir daí começaram as reuniões, as entrevistas sucederam-se e Gageiro abriu as portas da sua casa e da sua vida.

Eu aqui sinto-me em casa! Fico contente de ser homenageado no local que tanta influência teve na minha carreira. É uma carreira de tantos anos. É a minha modesta homenagem a tanto que a fábrica me deu, os velhos operários, os velhos artistas... Estou feliz por isso.

Eduardo Gageiro, 2011

Entretanto, já estava em curso a continuação do livro sobre Lisboa editado dez anos antes. O novo, *Lisboa Amarga e Doce*, tem prefácio de Batista-Bastos e textos de Fernando Pessoa. Esta obra, que retrata os últimos 35 anos da vida de Portugal, de 1975 a 2010, dá continuidade a *Lisboa no Cais da Memória – 1957-1974*. Contém imagens de Ary dos Santos, Natália Correia, casais de namorados em manifestações de amor, os quotidianos, o insólito, que Gageiro sabe captar como poucos, ou uma foto de nascimento na Maternidade Alfredo da Costa. A sua condição de fotógrafo impele-o a denunciar e a registar os acontecimentos. Numa época em que o encerramento da Maternidade está na ordem do dia, Gageiro não poderia deixar de fora a imagem de um nascimento naquela instituição. Velhos hábitos de um fotógrafo reformado que não deixou de ser um fotógrafo atento.

No final deste ano de 2012, lançou ainda o caderno *Lisboa e Tejo e Tudo*. Desta vez, o poeta escolhido foi Fernando Pessoa, e Gageiro fez acompanhar a obra de uma fotografia por si escolhida e assinada. É o primeiro de



Eu conheço o meu amigo Eduardo Gageiro desde os anos 60.

A partir de 65, trabalhei com ele em revistas, fizemos exposições, temos feito livros, ele tem-me feito vários cabelos brancos e esperamos que se mantenha sempre a trabalhar.

José Araújo, 2011



Um homem raro tem sempre doenças raras. E mais a mais quando a sua curiosidade o leva às enciclopédias da internet e lhe dão uma sobrevivência de três meses. Claro que já passaram quatro anos.

Carlos Alberto Maia Marques Teixeira, 2011



Amritsar, Índia

2006



uma série de cadernos que Gageiro pretende editar sobre diferentes temas. O próximo talvez nos fale do namoro ou, quiçá, do sono. Volvidos tantos anos, Gageiro demonstra por que razão ainda consta, por exemplo, da ficha técnica da revista *Visão*, como colaborador fotográfico. Não se refugiou por detrás do seu estatuto e, aos 77 anos, continua a registar momentos só ao alcance de alguns e a demonstrar que não perdeu o seu *talant de bien faire*.

É o saber olhar que é importante! É a história do Sebastião Salgado e do James Nachtwey: estão 30 mas eles veem lá qualquer coisa que os outros não veem e disparam no momento exato.

Eduardo Gageiro, 2011

Nasceu Eduardo, rapaz de Sacavém, cresceu como homem, como profissional, e toda a gente se referia a ele como Gageiro, o fotógrafo, ou melhor, o fotojornalista. Andou pelo mundo e o mundo rendeu-se a ele. Por cá, as mais altas instâncias públicas confiaram na sua mestria e fizeram dele fotógrafo institucional. Passou por vários jornais e revistas. Os anos Noventa do século passado deram espaço ao fotógrafo *freelance*, trabalhando por conta própria naquilo que sempre gostou de fazer: fotografar, de preferência contando histórias. E as viagens, sempre as viagens, que sempre adorou, e que foi gravando nos seus livros. Fama e glória era tempo de colher frutos e, na viragem de um novo século, Gageiro dedicou-se àquilo a que chama "os seus projetos": os livros. São projetos, são formas de contar a sua vida, são fontes de rendimento, são a marca que quer deixar para as gerações vindouras, para memória futura. Se não, para que serviu o seu projeto de vida? Há que lhe dar um significado.

Eu não gosto de fazer livros em cima do joelho. Gosto das coisas bem pensadas. Pode o resultado final até ser um falhanço mas faço os possíveis para que não seja. As coisas são, normalmente, bem pensadas. É a velha frase: Dez por cento de inspiração e noventa de transpiração.

Eduardo Gageiro, 2011

Diz que não acredita em Deus. Mas, por causa Dele, ou talvez da Sua falta, alterou um livro e toda uma forma de contar a sua vida e a das pessoas e dos lugares que retratou. Então, em que acredita ele? Nas pessoas humildes e dignas que toda a vida fotografou? Na verdade? Na justiça social?

Uma coisa é certa: Gageiro acredita na sua máquina. Nunca a larga, nem ao fim de semana, para ir ao café ou à praça. É a sua imagem de marca. Para ele, é quase como uma segunda mulher e tem uma vantagem: nunca está chateada!



Belém, Lisboa
2012

Aquelas reportagens mais complicadas, mais tensas, mais perigosas, eu andava lá e, quando a máquina disparava, eu chegava a beijar a máquina como quem diz: não falhaste! Quando ela disparava era um alívio fantástico!

Eduardo Gageiro, 2012

A entrega de corpo e alma à sua profissão e à sua arte, este misto de obsessão-paixão levou-o a relegar, muitas vezes, a família para segundo plano. Considera que foi um pai ausente e o que lhe valeu foi a presença da sua mulher que foi o pilar dos seus filhos e da sua casa. Hoje, com os netos é diferente.

Embora aprecie uma boa companhia, seja em família seja entre amigos, também acredita no silêncio. O seu silêncio encontra-o no refúgio, na Maçã. É lá que se esconde de quarta a domingo. Quinta-feira é dia de laboratório, do cheiro dos ácidos reveladores, da ampliação no papel, das horas e horas fechado, às escuras, a ouvir música. Se não fosse a Maçã não teriam existido os livros. É o tempo de o fotógrafo do mundo se fechar no seu mundo.

De igual modo, correu mundo mas regressou sempre ao ponto de partida. Nunca saiu de Sacavém porque é ali que está o seu coração e ficava sempre com saudades de voltar à sua terra. E não faltaram convites para o estrangeiro. E não era apenas o apego à sua terra mas o orgulho da pertença. Eduardo Gageiro sempre fez questão de dizer que é sacavenense, fosse onde fosse. Sempre que pôde, a sua terra foi-o homenageando e Gageiro sempre soube retribuir. Quando o Sport Grupo Sacavenense celebrou cem anos de vida o Presidente da República, Cavaco Silva, esteve presente na cerimónia. Em Sacavém, consta que houve dedo do Gageiro, informação que o mesmo não confirma nem desmente.

Para Eduardo, Sacavém está muito diferente. Antigamente era o Trancão, o Largo da Senhora da Saúde, o coreto, os bailes, uma vida social que hoje não tem, o que lamenta. Também se sente desiludido com as conquistas de Abril, que foram esmorecendo com o tempo, num país que nunca soube reconciliar-se com o seu passado e continua à espera que algo de novo aconteça.

Confessa-se um grande admirador do trabalho de Sebastião Salgado e de James Natchwey, também dois artistas do preto e branco. Aliás, Gageiro vê o mundo a preto e branco porque a cor não lhe dá a interpretação, a sua leitura.

Se não fosse fotógrafo, gostaria de ter sido médico ou juiz. No fundo, duas profissões em que se procura mudar algo, intervir na realidade, aquilo que sempre procurou fazer de máquina em punho.



Tens o dom de me surpreender! É verdade que és “desligado” do mundo, mas quando coisas (boas ou) más me acontecem estás presente, mesmo que seja à distância de um telefonema; dizes aquelas palavras carinhosas, e demonstras preocupação. A cada “tragédia”, quando penso que já disseste tudo o que era possível, consegues surpreender-me com algo cada vez mais bonito e inspirador. Tu proteges-me como um leão protege a sua cria! Defendes-me sempre, acima de tudo e todos. Obrigada! Não sou fácil, eu sei... Tenho um feitiço complicado! A quem terei saído assim: resmungona?! Sabes-me dizer? Quando o encontrares diz-lhe que eu gosto muito dele! Adoro-te avô.

Catarina, 2013



É uma pessoa controversa. É um génio. Um excelente profissional que sempre lutou por aquilo que ele quis e chegou onde chegou. Não esteve presente em momentos muito importantes da minha vida. Foi difícil de ultrapassar. Mas foi algo que eu, agora mais velha, compreendo e acabo por negligenciar. No fundo, pai, gosto muito de ti.

Ana Gageiro, 2012



Gageiro e Natércia com os netos

Catarina e Afonso no dia do aniversário de ambos em 28 de Maio.

2010



O trabalho dele inspira-me. Além de bom fotógrafo também é um óptimo avô. Dá-me muita atenção. Gosto muito de ser neto dele e... parabéns pelo teu trabalho.

Afonso Gageiro, 2012

Não há, julgo eu, nenhum fotojornalista ou jornalista imparcial. Eu não era muito tendencioso mas tinha também a minha opinião. E acho que nas minhas fotografias tentei que fosse refletida essa opinião. Não sou extremista mas tenho a minha opinião, baseado naquilo que tenho aprendido, que tenho vivido.

Eduardo Gageiro, 2011

Hoje em dia, Gageiro é um homem que vive depressa, à imagem do tempo em que vivemos. Está sempre com pressa. Diz que o seu prazo de validade está a terminar e ainda tem muito para fazer. Tem receio que a doença regressasse e lhe tire o ânimo... e a vida. Não quer deixar pontas soltas antes de partir. Mas é esta inquietação constante que o mantém entre nós.

Diz que gostava de morrer com uma máquina na mão. De preferência, envergando um colete com as siglas "ACNUR"⁽⁴¹⁾ a documentar mais um drama de refugiados por esse mundo fora. A reportagem que ficou por fazer...

Eu, quando morrer, quero ir com o colete da ACNUR e vestido como repórter, de ténis, vestido da maneira mais simples possível. Porque, simplesmente, foi a reportagem que eu não consegui fazer! Portanto, para simbolizar aquilo que eu não consegui, para simbolizar toda a minha profissão a que eu dei o melhor de mim.

Eduardo Gageiro, 2011



Diz que quer morrer com uma máquina fotográfica na mão. Custa-me ouvir quando ele diz isso, mas compreendo-o. Espero que esse dia ainda venha longe porque o amo e acho que ainda tem muito para dar à fotografia e ao mundo. Tenho muito orgulho no meu pai. Desde muito novo que sentiu a vontade de fotografar e lutou sempre para o conseguir. Tudo o que via o formou e inspirou.

Rui Gageiro, 2012

Notas

- [1] A história de vida de Jorge de Jesus Henriques pode ser consultada em ANICETO, Jorge, ASSUNÇÃO, Ana Paula, MACIEIRA, Conceição, *Lugar de Trabalho, Lugar de Património: a Fábrica e as Pessoas*, ed. Câmara Municipal de Loures, Loures, 2007, pp. 160-162.
- [2] Esta inconfidência (inofensiva) foi-nos relatada pelo amigo de longa data, José Teixeira.
- [3] *Vida Ribatejana*, 26-2-1955.
- [4] *Vida Ribatejana*, 22-6-1957.
- [5] *Diário de Notícias*, 22-9-1957 e *Vida Ribatejana*, 19-10-1957.
- [6] *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, volume IV, Página Editora, 1998.
- [7] Site *Fondation Henri Cartier-Bresson*.
- [8] Estas últimas referências foram retiradas de uma entrevista no *Notícias da Tarde*, Ano XII, número 3626, 24 de abril de 1965, Lourenço Marques.
- [9] «Páginas do Brasil», Suplemento Especial de Cícero, fevereiro de 1962.
- [10] *O Século*, 1 de agosto, 1963.
- [11] *Diário de Lisboa*, 26 de janeiro de 1964; *Diário de Luanda*, Ano XXXIV, N.º 10597, 9 de Maio de 1964; *Notícias*, 5 de dezembro de 1964, respectivamente.
- [12] Gageiro refere-se a Moreira Baptista.
- [13] *Notícias da Tarde*, Ano XII, número 3626, 24 de abril de 1965, Lourenço Marques.
- [14] *Mar Alto*, Ano 1, n.º 22, 9 de novembro de 1966.
- [15] *Acta da Sessão Solene de Abertura e Acta da Primeira Sessão Plenária* do II Congresso Internacional de Repórteres Fotográficos e Cinematográficos.
- [16] *Diário Popular*, 11 de julho 1967.
- [17] *Século Ilustrado*, abril 1968.
- [18] Ver OLIVEIRA, Manuel Alves de, *O Grande Livro dos Portugueses*, Círculo de Leitores, Lisboa, 1990.
- [19] *Século Ilustrado*, 12 de dezembro 1969.
- [20] *O Século*, 26 de maio 1973.
- [21] *O Século*, 7 de abril 1974.
- [22] Ver SOARES, Mário, *Um político assume-se. Ensaio Autobiográfico, Político e Ideológico*, Círculo de Leitores/Temas e Debates, Lisboa, 2011, pp. 167-192.
- [23] *Revista Vária*, 1975.
- [24] Designação dada aos comunistas. O Movimento Reorganizativo do Partido do Proletariado – MRPP foi fundado em 1970 em divergência com o Partido Comunista Português. A partir de 1976 passou a designar-se PCTP/MRPP (Partido Comunista dos Trabalhadores Portugueses/MRPP).
- [25] ANTT, Fundo *Empresa Pública Jornal O Século 1880/1979* (PT/TT/EPJS – <http://digitaraq.dgarq.gov.pt/details?id=1009215>).
- [26] *A Luta*, 14 de junho 1978.
- [27] *Diário de Notícias*, 8 de outubro de 1979.
- [28] *Diário de Notícias do Funchal*, 5 de janeiro de 1981.
- [29] *O Jornal*, 25 de março 1983.
- [30] *Público*, 21 de maio 1991.
- [31] *Sábado*, 6 a 12 dezembro 1991. Informações também retiradas do desdobrável da mostra.
- [32] *Visão*, 5 de junho de 1996.
- [33] *Visão*, 8 de agosto 1996.
- [34] *A Capital*, 4 de agosto 1998.
- [35] Ofício assinado por George Felton (organização do The London Salon of Photography).
- [36] *Visão*, 13 a 19 de julho de 2000.
- [37] As outras exceções aconteceram em: *Évora, Património da Humanidade; Torres Vedras – Viagem no Centro Histórico; O Palácio de São Bento; e O Sol, o Muro e o Mar* (portfólio).
- [38] Página oficial do Grão-Mestre das Ordens Honoríficas Portuguesas.
- [39] *Revista da SPA*, outubro/dezembro de 2005.
- [40] *Diário de Notícias*, 24 de outubro 2004.
- [41] Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados.

Bibliografia

- AAW, *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. IV, Página Editora, 1998.
- ANICETO, Jorge, ASSUNÇÃO, Ana Paula, MACIEIRA, Conceição, *Lugar de Trabalho, Lugar de Património: a Fábrica e as Pessoas*, Câmara Municipal de Loures, Loures, 2007, pp. 160-162.
- ANICETO, Jorge, ASSUNÇÃO, Ana Paula, PINA, Joana, RODRIGUES, Claudia, *A Fábrica e Sacavém pelos olhos de Eduardo Gageiro*, Câmara Municipal de Loures, Loures, 2003.
- ASSUNÇÃO, Ana Paula, GAGEIRO, Eduardo, VASCONCELOS, José Carlos de, *30 anos de esperanças(s)*, Eduardo Gageiro, Câmara Municipal de Loures, Loures, 2004.
- BARTHES, Roland, *A Câmara Clara*, Edições 70, Lda., Lisboa, 1998.
- BREYNER, Sophia de Mello e GAGEIRO, Eduardo, *O Sol O Muro o Mar*, Lisboa, 1984.
- CASAL, Adolfo Yáñez, *Para uma Epistemologia do Discurso e da Prática antropológica*, Edições Cosmos, Lisboa, 1996.
- COLAÇO, Maria Rosa e GAGEIRO, Eduardo, *Estas Crianças Aqui*, Ministério da Comunicação Social- Direção Geral da Divulgação, Lisboa, 1979.
- FRANÇA, José Augusto, *O Palácio de São Bento*, Assembleia da República – Divisão de Edições, Lisboa, 1999.
- COELHO, Avelãs, *Fotografia e Cinema 74/75*, Tecnigrafe, Lda., Lisboa, 1975.
- GAGEIRO, Eduardo, *Gente*, Editorial O Século, Coleção Albuns, Lisboa, 1971.
- GAGEIRO, Eduardo, *Mulher*, Publicações Europa-América, Lisboa, 1976.
- GAGEIRO, Eduardo, MONTEIRO, Cáceres Monteiro, *China. A Contra-Revolução Tranquila*, Circulo de Leitores, Lisboa, 1985.
- GAGEIRO, Eduardo, *Alentejo Relógio de Sol*, Associação de Municípios de Beja, Évora e Fundação Calouste Gulbenkian, Litografia Tejo, 1988.
- GAGEIRO, Eduardo e SARAMAGO, José, *Évora Património da Humanidade*, Câmara Municipal de Évora, 1997.
- GAGEIRO, Eduardo, *Revelações*, Litografia Tejo (imp.), Lisboa, 1995.
- GAGEIRO, Eduardo, *Olhares 1951-1998*, Litografia Tejo, Lda., Lisboa, 1999.
- GAGEIRO, Eduardo, *Timor no Amanhecer da Esperança*, Litografia Tejo, Lda., Lisboa, 2000.
- GAGEIRO, Eduardo, *Lisboa no Cais da Memória – 1957-1974*, Punkte Art-Produções Gráficas, Lisboa, 2004.
- GAGEIRO, Eduardo, *Fé – Olhares Sobre o Sagrado*, Guide – Artes Gráficas, Lda., Odivelas, 2006.
- GAGEIRO, Eduardo, *Silêncios*, Punkte Art-Produções Gráficas, 2008.
- GAGEIRO, Eduardo, *Lisboa Amarga Doce – 1975-2010*, Lisboa, 2012.
- GAGEIRO, Eduardo, Lisboa e TEJO e Tudo, Costa & Valério, Lisboa, 2012.
- MARQUES, A.H. Oliveira e SERRÃO, Joel (Dir.), *Nova História de Portugal, Portugal e o Estado Novo (1930-1960)*, vol. XII, Editorial Presença, Lisboa, 1992.

MOURÃO-FERREIRA, *Em Movimento*, Metropolitano de Lisboa, Lisboa, 1995.

OLIVEIRA, Leonel de (Coord.), *Portugal Século XX. Portugueses Célebres*, Círculo de Leitores, SA, 2003.

OLIVEIRA, Manuel Alves de, *O Grande Livro dos Portugueses*, Círculo de Leitores, Lisboa, 1990.

PIRES, Catarina, *Cinco Conversas com Álvaro Cunhal*, Campo das Letras – Editores, S.A., Porto, 1999.

RODRIGUES, Urbano Tavares, *Esta Estranha Lisboa*, Prelo Editora, S.A.R.L., Lisboa, 1972.

SOARES, Mário, *Um político assume-se. Ensaio Autobiográfico, Político e Ideológico*, Círculo de Leitores/Temas e Debates, Lisboa, 2011, pp. 167-192.

Torres Vedras por Eduardo Gageiro. Viagem no Centro Histórico, Câmara Municipal de Torres Vedras, 2003.

Eduardo Gageiro. *25 Textos de Autores Portugueses Sobre Fotos de Abril. Festa do «Avante!»*, Lisboa, 1999.

100 Imagens 100 Legendas. O Século XX Português, SIC, Lisboa, 2001.

Periódicos

A Capital: 04-08-1998.

A Luta: 14-06-1978.

Diário de Lisboa: 26-01-1964.

Diário de Luanda: 05-05-1964.

Diário de Notícias do Funchal: 05-01-1981.

Diário de Notícias: 22-9-1957, 08-10-1979, 24-10-2004.

Diário Popular: 11-07-1967.

Jornal de Negócios: 14-09-2012.

Mar Alto: 09-11-1966.

Notícias da Tarde: 24-04-1965.

Notícias: 05-12-1964.

O Público: 21-05-1991.

O Século: 01-08-1963, 26-05-1973, 07-04-1974.

Páginas do Brasil, Suplemento Especial de Cícero: Fevereiro de 1962.

Revista da SPA: Outubro/Dezembro de 2005.

Revista *Sábado*: 06 a 12-12-1991, 08-08-1996.

Revista *Vária*, 1975.

Revista *Visão*: 05-06-1996.

Século Ilustrado: Abril de 1968; 12-12-1969.

Vida Ribatejana: 26-2-1955, 22-6-1957, 19-10-1957.

Webgrafia

Site Fondation Henri Cartier-Bresson.

<http://www.presidencia.pt/>

<http://www.parlamento.pt>

ANTT, Fundo Empresa Pública Jornal O Século 1880/1979 (PT/TT/EPJS -

<http://digitalq.dgarq.gov.pt/details?id=1009215>).

Página oficial do Grão-Mestre das Ordens Honoríficas Portuguesas.

Fundo Documental

Arquivo pessoal de Eduardo Gageiro

Fotografias

Eduardo Gageiro

Rui Gageiro





**De Gageiro se diz que descobre
todos os dias Portugal, descrevendo
o olhar mais íntimo de cada um
de nós, Portugueses.**

José Cardoso Pires